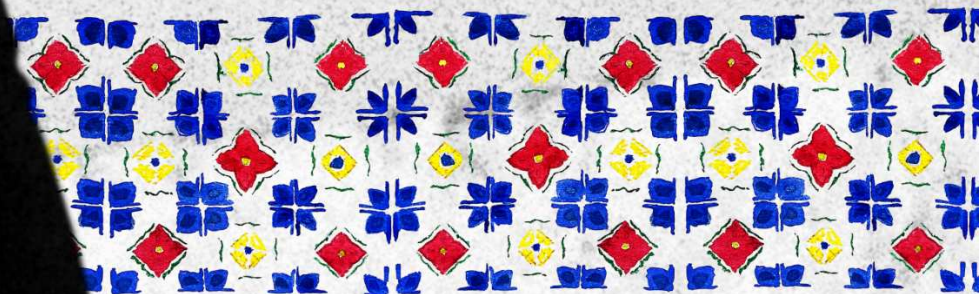


A black and white silhouette of a woman in profile, facing right. She is wearing a dark, sleeveless top and a dark skirt. Her hair is pulled back. The background is a light, textured wall with some faint geometric lines.

# LONGE DE CASA

Relatos de brasileiros em Portugal



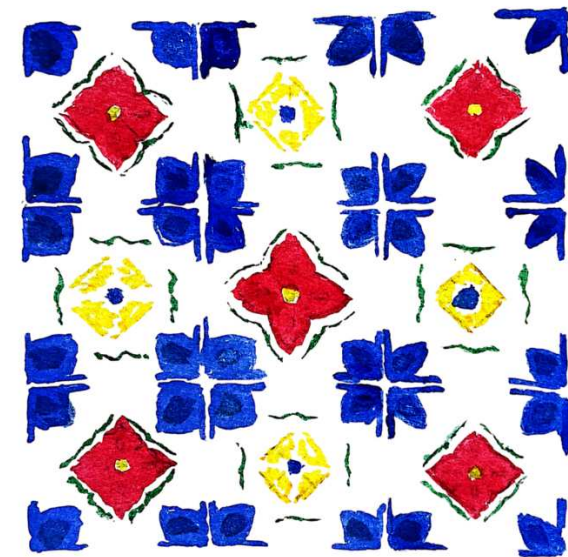
Carlos Sobral

*Dentro de nós há uma coisa  
que não tem nome, essa coisa  
é o que somos.*

*SARAMAGO,*

*Lisboa, 1995.*

# LONGE DE CASA



Relatos de brasileiros em Portugal









574.195

*Esse é o número de brasileiros que vivem legalmente em Portugal.*

*Dados: Instituto Nacional de Estatísticas (INE), 2026.*



## APRESENTAÇÃO

O produto que tens em mãos nasceu do meu desejo de voltar às origens dos meus familiares que já se foram e de entender por que Portugal, ao longo dos anos, se tornou o destino mais recorrente dos brasileiros que desejam imigrar.

Entre histórias, encontros e ausências, este livro procura olhar para esse movimento não apenas como um deslocamento geográfico, mas como uma busca por pertencimento, por oportunidade e, muitas vezes, por recomeço.

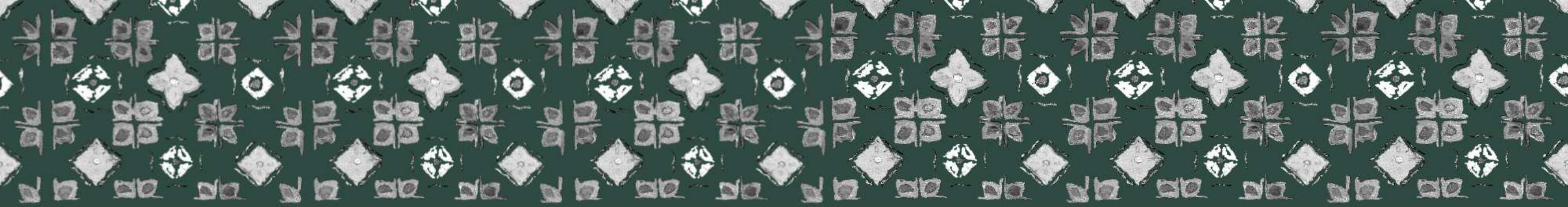
Durante o período em que estive em Lisboa, busquei ouvir e registrar as histórias que compõem este livro. Encontrei também outras formas de observar a cidade: caminhar, olhar para cima, desenhar. Gestos simples que, aos poucos, mudaram a maneira como eu via os espaços e as pessoas, e a minha própria relação com o Brasil ao retornar.

Talvez, no fim, este seja um livro sobre partir. Mas, acima de tudo, é sobre tudo aquilo que ainda permanece.

Carlos Sobral, Lisboa, 13 de outubro de 2025.







## Glossário

DEPOIS DE ALGUNS MESES EM PORTUGAL, DESCOBRI QUE SOTAQUE NÃO MUDA DE UMA VEZ SÓ. PRIMEIRO MUDA O VOCABULÁRIO. QUANDO PERCEBI, JÁ ESPERAVA O AUTOCARRO, ATRAVESSAVA NA PASSADEIRA, MARCAVA ENCONTRO NA ESTAÇÃO DE COMBOIO E DIZIA QUE ALGO ERA FIXE. ESTE GLOSSÁRIO EXISTE PARA AJUDAR O LEITOR, MAS TALVEZ SIRVA TAMBÉM PARA LEMBRAR QUE, ÀS VEZES, A IMIGRAÇÃO COMEÇA PELAS PALAVRAS.

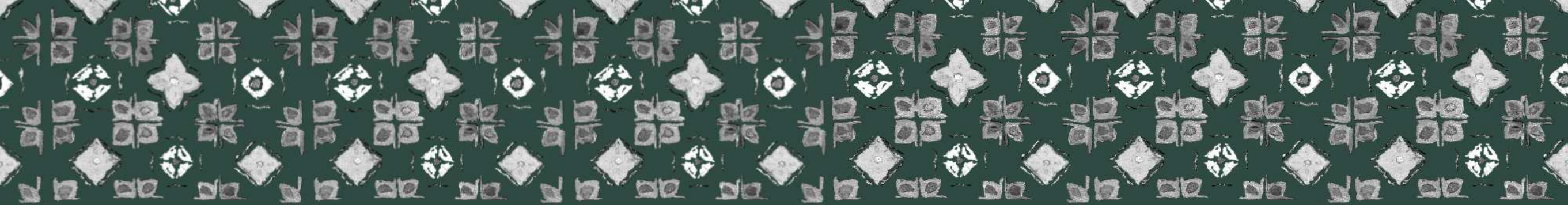


AUTOCARRO: ÔNIBUS.  
ARRENDAMENTO/ARRENDAR:  
ALUGAR.  
BICA: CAFÉ EXPRESSO.  
CARAVANA: TRAILER,  
MOTORHOME.  
COMBOIO: TREM.  
CONCELHO: MUNICÍPIO.  
ELÉTRICO: BONDE

EXAME: PROVA FINAL.  
FREGUESIA: DIVISÃO  
ADMINISTRATIVA, SEMELHANTE A  
UM BAIRRO.  
GINÁSIO: ACADEMIA.  
MALTA: PESSOAL, TURMA.  
ORDENADO: SALÁRIO RECEBIDO  
APÓS O MÊS DE TRABALHO.  
PASSADEIRA: FAIXA DE PEDESTRE.

PEQUENO-ALMOÇO: CAFÉ DA  
MANHÃ.  
PERCEBER: ENTENDER.  
PROPINA: MENSALIDADE  
UNIVERSITÁRIA.  
SUMO: SUÇO.  
TELEMÓVEL: CELULAR.  
FIXE: LEGAL, BACANA.  
GIRO: BELO(A), BONITO(A).





**08**



**60**



**86**



**138**



**32**



**104**

DUPLO CIDADÃO / PG.08  
PORTA DE SAÍDA / PG.22  
FAMÍLIA CUNHA / PG.28

A INFLUENCER DA CARAVANA / PG.32  
CRISE DA MORADIA / PG.48  
"EU VIVO DE SONHO" / PG.54

O SAMBA ME LEVA PARA CASA / PG.60  
A FILHA DA GAL / PG.68  
O SOM DA GIRA / PG.74

A LIBERDADE DE ISABEL / PG.86  
ENTRANDO NO NINHO / PG.96

LONGE DE CASA / PG.104  
CRAVOS DA LIBERDADE / PG.112  
PASTÉIS DE ÓLEO / PG.134

LISBOA, MENINA E MOÇA / PG.138  
CARLOS DO CARMO / PG.140





**DUPLO CIDADÃO**



Já faz três meses desde que conheci Lucas Cunha, 31 anos, e essa é a primeira vez que entro em sua casa. O trabalho em dias e turnos alternados dificultava encontros presenciais. Na primeira oportunidade que tivemos de conversar com calma, em 27 de junho, saímos para almoçar e ele havia acabado de completar seis anos de residência em Portugal. Naquela altura, sua pele clara ganhava cor à medida que o verão avançava. Notei a mudança de tom assim que abriu a porta para me receber agora em setembro. Estava mais pálido, visivelmente esgotado, e pediu para que eu não reparasse na bagunça da casa.

Os gatos miavam e pulavam de um lado para o outro. Aurora, a gata malhada. Amélia, branca e cinza. George, branco com laranja. Na cozinha, em uma casinha de três andares, vive Olívia, uma furona. Na sala, acima da televisão, repousa um cachecol da seleção portuguesa. Quadros familiares dividem espaço com móveis cobertos por mantas e panos para escapar das unhas dos animais. Lucas se sentou na cadeira da sala e disse: "Fui demitido". Surpreso, perguntei: "Como assim?"

Quando nos conhecemos, ele acabara de ser contratado como controlador de aeronaves do aeroporto por meio de uma empresa terceirizada. Aproveitava um dia de folga e sorria aliviado por finalmente ter conseguido um emprego. Contou da primeira semana de trabalho e de uma colega que o encarou e disse: "Vai ser mesmo complicado, eu não me dou com brasileiros". Habitado a evitar conflitos, sua maior preocupação era como conciliar a nova rotina com o mestrado que pretendia iniciar.

O restaurante onde conversamos naquele junho era tomado por trabalhadores, casais e turistas começando mais um dia em Lisboa. Lucas parecia seguir o mesmo ritmo acelerado da cidade. Formado em Psicologia, ainda precisava concluir o mestrado e um estágio supervisionado de um ano para exercer a profissão. Enquanto isso, escrevia um romance de ficção e, quando podia, se envolvia na política. Já havia sido candidato, mas sem sucesso.

Uma das primeiras observações que fiz sobre Lucas aconteceu quando o garçom trouxe seu pedido e ele respondeu com um "obrigado". Para um ouvinte desatento, seria apenas um gesto de educação. Mas havia uma rigidez diferente na dicção. O "o" mais fechado, o "r" menos vibrante. O sotaque lisboeta conseguiu se sobrepor ao mineiro.





Quando perguntei sobre isso, ele respondeu: "Não me sinto bem em dizer que já forcei o sotaque para evitar preconceito". A cidadania portuguesa facilitou muitos aspectos burocráticos da vida, mas não apagou o fato de ter nascido em outro território. Vieram apenas formas diferentes de preconceito. Já o chamaram de "português nascido no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras". Naquele almoço, falou animado sobre o novo emprego, sobre a chegada a Portugal e sobre a possibilidade de finalmente conseguir pagar as parcelas do mestrado.

Assim que terminou de comer, levantou-se rapidamente para aproveitar o restante do dia. Pagou a conta e, dessa vez sem se preocupar com a sonoridade do próprio sotaque, voltou a agradecer pelo atendimento.

O tempo passou. Setembro chegou. Pouco menos de três meses depois de começar no novo emprego, voltou a estar desempregado. O entusiasmo virou cansaço, reclamações sobre horários, colegas rudes e a rotina exaustiva. Não iniciou o mestrado. Pensou em entrar em uma turma de outubro, mas o desemprego voltou a transformar o futuro em incerteza.

"Me desligaram informando apenas que meu posto foi extinto. Agora vou ter que dar entrada no seguro-desemprego". Faz tempo que não escreve no romance e já não acompanha tanto as movimentações do partido do qual faz parte. Seu único compromisso no dia seguinte seria devolver o uniforme no aeroporto e cancelar o plano da academia.

Ao lado da cadeira onde costuma se sentar há um quadro organizando os próprios dias. Tudo o que considera importante está anotado ali. Um item chama atenção: "Feira LGBTQIAPN+" Explica que será um evento voltado à empregabilidade de pessoas da comunidade. "Nunca fui em uma. Vai ter um avaliador e eles vão me ajudar a partir das minhas capacidades". Enquanto observo o quadro, noto que a palavra "terapia" aparece destacada com um pequeno sorriso desenhado ao lado. "Pois, vou marcar aqui. Já tenho data da próxima sessão", comenta com uma caneta em mãos.

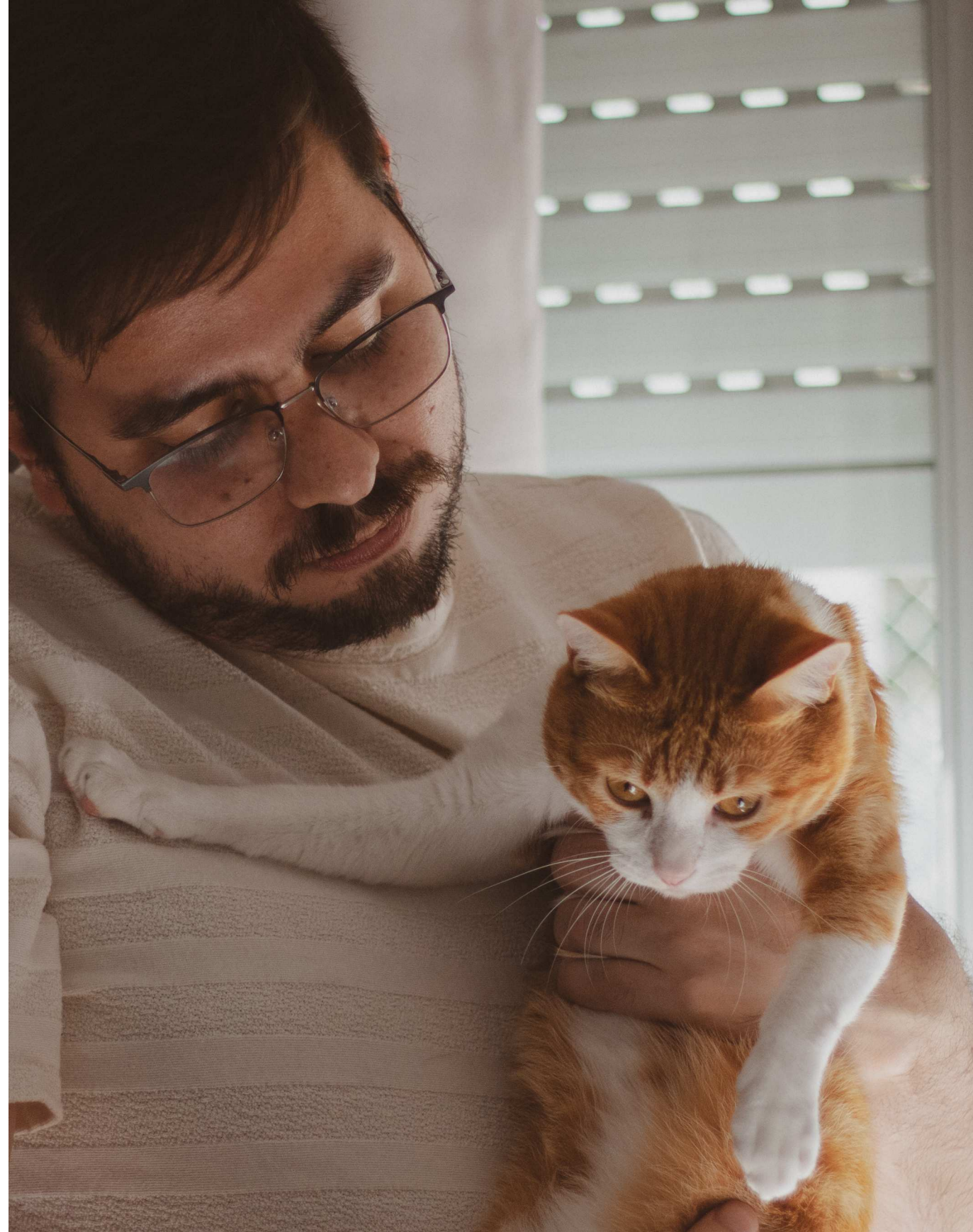
Lucas tem achado perigoso demais ser imigrante em Portugal e começou a temer sair de casa. "Um amigo me chamou pra sair, eu queria ir, mas ele cancelou e eu dei graças aos céus". Perguntou se eu havia visto a notícia recente envolvendo xenofobia contra brasileiros. "Essa semana teve o vídeo do homem que ofereceu quinhentos euros pela cabeça de zukas. Eu já estava com medo de sair na rua, mas e agora?"







GEORGE E AURORA, SINTRA 2025.





Tem ido, no máximo, visitar familiares e buscar mantimentos no mercado. Indignase ao pensar que, como cidadão, contribuirá para o seguro-desemprego de um racista. "Você acha que ele vai entender por que perdeu o emprego ou vai achar que foi a 'liberdade de expressão' dele que não foi respeitada?"

A janela da sala dá para uma rua de um concelho governado pelo Partido Socialista, imperfeito, mas ainda distante da sombra da extrema-direita que promete em outdoors "limpar Portugal" ou colocar "Sintra na linha". As próximas eleições aumentam ainda mais a sensação de incerteza para muitos imigrantes. "Sintra é suja não por causa da imigração, mas pelo descaso que se acumula nas ruas". Em seguida questiona: "Por que Cascais não sofre do mesmo abandono?"

Lucas mora no Cacém, zona leste de Sintra, região que concentra uma grande parcela da população imigrante do distrito de Lisboa. Um pedaço do mundo vive ali. Cerca de cem mil pessoas.

Entre um comentário e outro, relembra outro episódio de racismo, desta vez presenciado da sacada ao lado. Conta que a rua amanheceu travada por um carro mal estacionado. O motorista de trás preferia buzinar sem parar a simplesmente contornar o veículo. Lucas, já cansado antes mesmo do dia começar, quase não reagia ao caos. Da varanda vizinha, o síndico e a esposa observavam a cena. "Tinha que ser angolano", comentou o homem. O alvo da acusação subiu a rua sem sequer olhar para o carro. Pouco depois apareceu o verdadeiro dono: um homem tão branco quanto quem havia feito o comentário. As buzinas cessaram imediatamente.

Achei melhor mudar de assunto e perguntei sobre os animais e sobre a entrega do uniforme. Lucas explicou que Amélia é menos sociável e decide quando quer contato. George aceita o colo de qualquer pessoa. Aurora, mais moderada, às vezes cede aos carinhos. Todos dividem espaço em um apartamento meio novo, meio velho, com traços típicos de uma habitação popular lisboeta.

Quando se refere a Olívia, insiste em chamá-la de furona, não de "furão-fêmea", como sugeriu a veterinária. "Eu fui pesquisar e existe furona sim", explicou. Perguntei se era no português brasileiro. "No português mesmo. Evito distinção, é apenas português. Na Constituição brasileira diz que a língua oficial é o português. Na de Portugal também". Seguimos conversando acompanhados de café e combinamos de ir juntos devolver o uniforme do aeroporto.

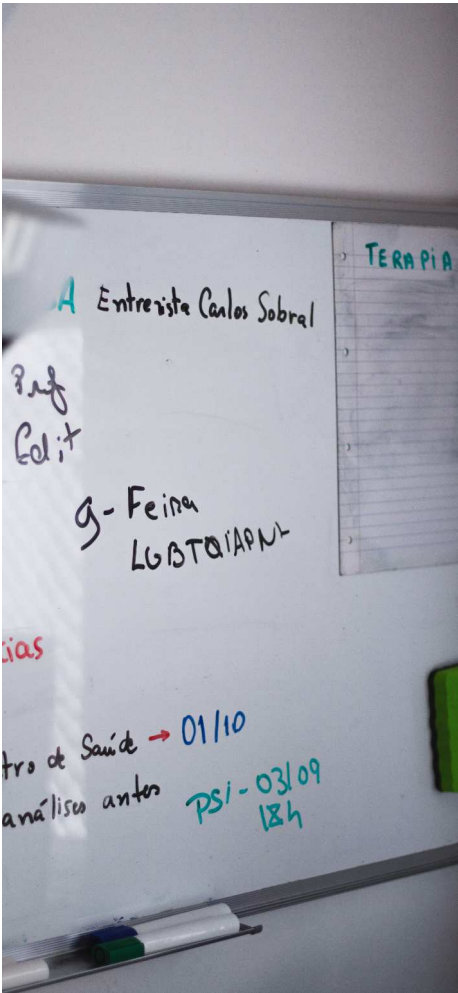






GEORGE E AURORA, SINTRA 2025.





QUADRO DE ORGANIZAÇÃO, SINTRA 2025.



LUCAS E GEORGE NA JANELA, SINTRA 2025.



## PORTA DE SAÍDA

Marcamos de nos encontrar em uma estação a caminho do aeroporto. Eu aproveitava a ocasião para cumprir uma meta pessoal: passar por todas as estações de Lisboa. Enquanto esperava, Lucas avisou por mensagem que estava atrasado. Havia confundido os horários do comboio.

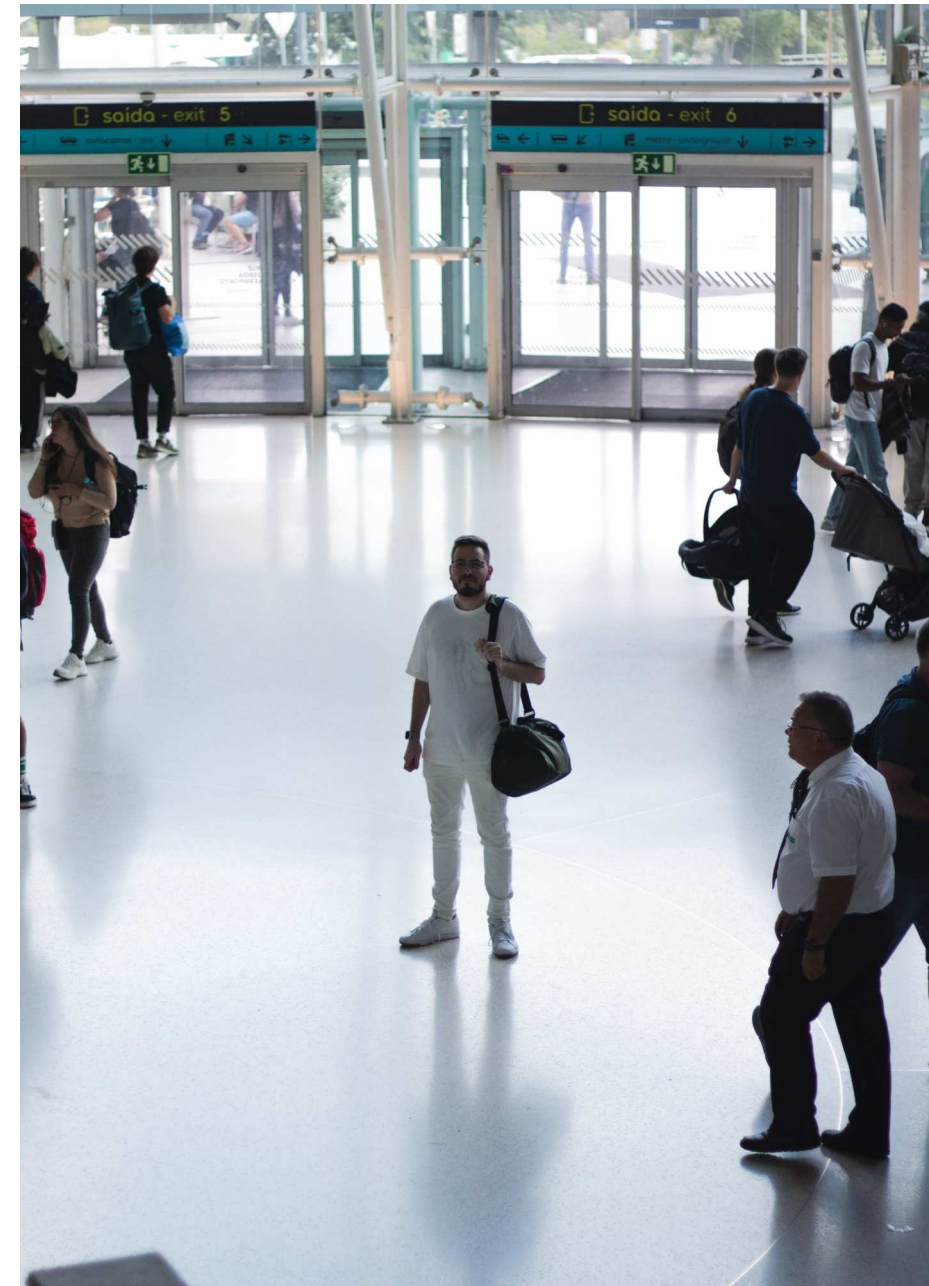
Quando apareceu, trazia um doce de leite em uma embalagem amassada. Disse que familiares haviam viajado ao Brasil e o trouxeram para ele. Vestia branco da cabeça aos pés e carregava uma mala pequena. Seguimos até a área de acesso dos funcionários e Lucas atravessou uma catraca que eu não pude passar. Fiquei esperando do outro lado observando o movimento irregular das pessoas apressadas no aeroporto.

Poucos minutos depois recebi outra mensagem. Ele havia deixado o crachá e o uniforme em um dos setores da empresa, mas ninguém abrira a porta de saída. Precisaria dar a volta inteira no aeroporto para me encontrar novamente. Quando retornou, estava oficialmente desempregado, parado no meio do aeroporto. Pedi que ficasse exatamente onde estava e tirei uma fotografia.

Seguimos o caminho de volta pela linha vermelha até a amarela. Conversamos até a estação de Picoas. Falar dentro do metrô pode ser difícil, o barulho metálico das ferragens e os avisos das portas frequentemente interrompem as frases.

Disse que sentia pena de cancelar o ginásio, forma mais comum de dizer academia em Portugal. Comentou que amigos e familiares perceberam seu emagrecimento. "Tô pensando em não parar totalmente. Continuar caminhando perto de casa".

A falta de dinheiro para as contas e para o mestrado segue como sua maior preocupação. A última entrevista de emprego terminou em silêncio por parte da empresa. Mais ansiosa do que ele, apenas sua mãe. "Ela mandou muitas mensagens. Chegou a dizer que eu devia fechar parte da casa e arrendar para alguém, mas não sei se me sentiria confortável. Acho que não seria a melhor opção". A mensalidade do mestrado custa 363 euros. Lucas tenta conseguir auxílio do governo para estudar. Já entrou com o processo e agora espera resposta, se a propina for suficiente, talvez consiga ingressar no curso em breve.







APÓS CONTORNAR O AERPORTO, LISBOA 2025.



LUCAS COM TRAJE ACADÊMICO, LISBOA 2025.





LUCAS NA UNIVERSIDADE AUTÓNOMA, LISBOA 2025.



## FAMÍLIA CUNHA

Tive a chance de visitar a família de Lucas algumas vezes. Notei que, na casa da mãe, seu sotaque mudava novamente e recuperava outras cores. Algo que também senti acontecer ao longo das conversas entre nós dois.

Naquele dia, fui acompanhá-lo até Algueirão, também em Sintra, onde parte da família vive. A placa do condomínio leva o nome "Ilha de Taipa 2". Alguns lances de escada depois, todos estavam reunidos na sala. Em Portugal, a xícara de café pode virar bica, o suco se torna sumo, mas o pão de queijo continua o mesmo, ainda mineiro, ainda importado, segundo a embalagem.

Nas paredes, quadros e fotografias familiares dividem espaço silenciosamente. As lembranças foram espremidas em malas e transportadas no bagageiro de um avião da TAP. Estavam reunidos Lucas, a avó Helenice Cunha, de 83 anos, a mãe Lêda Cunha, de 61, e o padrasto André Queiroz, de 70. O encontro familiar dividia espaço com os latidos e pedidos de carinho de Catharina, a cachorra da casa. "Essa daí também é imigrante", brinca Lêda enquanto a acaricia.

Carlos, avô de Lucas, também estava presente de alguma forma. Falecido em 2011, parte de suas cinzas repousa na estante. Outra parte foi lançada por Lêda no Parque Urbano do Freixieiro, em Celorico de Basto, às margens do Rio da Vila. Filho de António, um português que imigrou para o Brasil, Carlos não conheceu em vida a terra do pai.

A conversa inevitavelmente chegou à imigração. Helenice aguarda desde maio a renovação da autorização de residência. Veio com o visto D7, destinado a aposentados e pessoas com rendimentos próprios. O cartão venceu em janeiro, mas continua válido por força de um decreto-lei que prorrogou os títulos expirados.

De braços cruzados, André resume o clima que percebe no país. "O discurso é que o imigrante alterou as características do português, por isso esse ódio". A família afirma ter escolhido Portugal pela segurança, mas essa sensação parece cada vez mais instável.





Lucas insiste que os brasileiros não devem se ver como imigrantes privilegiados apenas por virem de um país economicamente mais estável que outros da América Latina. "Já começaram a atacar os imigrantes, e quem é preconceituoso não vai me olhar com privilégio".

O assunto chega à participação política de Lucas em um partido de pequena expressão. Lêda observa a insistência do filho com preocupação. Gostaria que ele estivesse em uma sigla maior, com mais espaço e influência. "Eu sou mais imediatista, ele sonha demais", resume.

Lucas rebate. "Se a gente pensar assim, o Chega também era visto como bobagem no começo". Lêda evita prolongar a conversa sobre o partido de direita radical. Para ela, o crescimento do Chega aconteceu impulsionado pelo discurso de ódio. "Só foram pra frente por causa da fala contra os imigrantes".

Helenice lembra de portugueses da geração dela que ainda demonstram nostalgia pela ditadura salazarista. "Se disserem que gostam de Salazar, a senhora manda encontrarem ele pessoalmente", responde Lucas. Ela ri e balança a cabeça em negativa.

Dona Helenice acha sua família "doida", no sentido de serem aventureiros demais por deixarem o Brasil. Conta que sente saudades do Brasil e que sonhou recentemente com parentes que já morreram. Junto de Lucas começaram os dois a relembrar nomes de familiares e se ainda estão em vida. "Tia Antônia ainda tá viva, né?", perguntou o neto. "Não, já faleceu há muito tempo", respondeu Helenice, segura de quem esteve no funeral.

O sol que antes ultrapassava os trinta graus esfriou junto com o fim da tarde. Aos poucos, começaram a se despedir. André e Lêda saíram para visitar alguns amigos. Me ofereceram uma nova fornada de pães de queijo, entretanto disse que já estava satisfeito. Dona Helenice voltou para o quarto em silêncio, acompanhada por Catharina. Lucas permaneceu na sala observando as fotografias da família. Falou um pouco sobre cada uma para mim. Mostrou suas fotos com Carlos, e lembrou da tatuagem em seu braço que leva o nome de seu avô. Um dia, pensei, ele também será assunto em alguma roda familiar. O rosto emoldurado na parede da memória de alguém. E eu também serei. Me despeço, e sigo pelo caminho até a estação que irá me devolver a Lisboa.







## A INFLUENCER DA CARAVANA



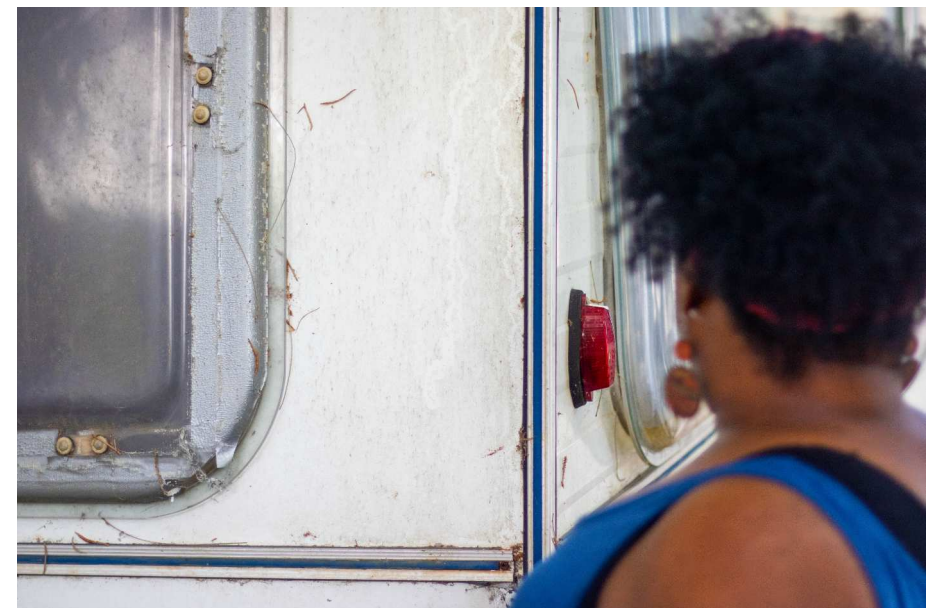


O verão de 2025 é incomum em Portugal. Agosto ultrapassa os 40 graus enquanto queimadas atravessam diferentes regiões do país e mudanças bruscas de temperatura transformam o fim dos dias em noites frias. Esse é um dos assuntos comentados por Márcia Leandra, 45 anos, em suas redes sociais. Enquanto retorna do trabalho, explica que sair de casa sem casaco pode ser um problema. “De manhã faz frio, de tarde calor, de noite frio novamente.” Mesmo quando reclama, mantém o sorriso no rosto. Tem carisma carioca. Por onde passa, avisa seus seguidores. São ao menos quinze mil no TikTok.

Também comemorou no Instagram o "quintou" de quem não precisaria trabalhar na sexta-feira de feriado, Dia da Assunção de Nossa Senhora. Quando o assunto é religião, diz não ser católica, mas cristã evangélica. Se agarra à perseverança. "Deus te dá sonhos, mas você precisa correr atrás deles", afirma em um vídeo publicado nos stories. Logo depois complementa, feliz por estar a caminho de casa. Pode chamá-la de sua. Sai da estação do Lumiar, onde trabalha, e segue de transporte público até a região de Sintra, entre São Pedro de Penaferrim e o bairro da Colônia Penal. Esse é seu endereço atual, embora em breve precise encontrar outro lugar para viver.

Chega cansada, mas menos exausta do que na época em que trabalhava doze horas por dia. À primeira vista, o lugar parece apenas um grande estacionamento de terra batida cercado por estrada e mata. Divide o quintal com uma praça de alimentação improvisada. As lanchonetes estão abertas, mas quase sem movimento. À direita, uma placa aponta para as "Caravanas". A vizinhança de Márcia é pequena. Segundo ela, os outros moradores também são brasileiros. Há ainda os vizinhos de uma noite: motoristas de ônibus e caminhoneiros que estacionam ali durante as viagens. Ela não se incomoda com os barulhos. Está em casa.

Seu imóvel não é de concreto, mas também precisa de chave para entrar. Tem janelas de vidro, para-choque rígido e pintura ainda conservada dos tempos em que viajava pelas estradas. Hoje, permanece estacionado. A luz do sol atravessa as frestas da janela arredondada e ilumina as cortinas quadriculadas em azul escolhidas por ela mesma. O ranger da porta não é problema. "Tem que abrir com carinho", explica, como quem fala de um carro antigo que não suporta violência. Entro e me sento no estofado enquanto Márcia, espontânea, ajeita o cabelo ao perceber a câmera em minhas mãos.











MARCIA OBSERVA SUA CARAVANA, SINTRA 2025.





DETALHES DE REBOQUE, SINTRA 2025.



A dona da caravana nem sempre viveu em uma. Chegou a Portugal em 2023 com o sonho de estudar gastronomia, mas a realidade encontrou outro caminho. Sua primeira residência foi em Arroios, Lisboa, dividindo apartamento com mais três pessoas. O dinheiro veio contado e quase todo desapareceu entre documentos e caução do aluguel. "Foi tudo que eu tinha. Sobrou cinquenta euros para sobreviver o mês inteiro", relembra enquanto procura fotografias antigas no telefone. O salário não acompanhava o custo da moradia. "Minha primeira chefe me disse: como você não consegue pagar o arrendamento, limpa o prédio e eu desconto no valor".

No celular me mostra fotografias ao lado da amiga Andréia. A parceria levou as duas para fora do apartamento. Andreia fazia faxinas e chamou Márcia para ajudá-la. Recebiam oito euros por três horas de limpeza, quatro euros para cada. "Era muito pouco". Depois passaram a trabalhar em um hostel. Márcia começou a preparar marmitas para sobreviver. Com os salários baixos, surgiu a ideia de morar em cabanas para juntar dinheiro e comprar caravanas. Com seis meses em Portugal, mudou-se para Carcavelos, na Quinta dos Ingleses, em Cascais e permaneceu ali entre setembro de 2023 e maio de 2024.

A área, cercada por pinhais e disputas imobiliárias, tornava-se símbolo das transformações urbanas da região. Andréia, ex-escoteira, parecia confortável em acampar. Márcia não. "Ai, senhor, o que faço? Vou tentar", repetia para si mesma. Depois da primeira noite, viveu nove meses no local.

Brincava dizendo que, se fosse morar numa barraca, queria um "T2". Em Portugal, T2 é um imóvel com dois quartos. Para ela, significava apenas uma barraca grande o suficiente para parecer um apartamento. Guardou dinheiro durante meses, embora constantemente precisasse usar parte dele para conseguir se alimentar melhor.

Foi à loja mesmo sem ter o valor completo. "Quero um T2", pediu. O vendedor perguntou o que aquilo significava. "Aquela barraca ali. Eu batizei de T2". Custava duzentos euros, valor que ainda não tinha. Pediu então que o vendedor guardasse a barraca até o dia seguinte. Conseguiu um adiantamento no trabalho e, quando voltou, encontrou o produto em promoção. Economizou quarenta euros. Naquela mesma noite, registrou no TikTok a montagem da barraca ao lado de Andreia. Foi um dos primeiros vídeos que a tornaram conhecida na internet.





Tomava banho no banheiro do trabalho ou em uma loja de artigos esportivos próxima. Preferia fazer sua higiene no emprego, onde também escovava os dentes. A água usada no acampamento vinha da praia mais próxima e servia para lavar roupas e utensílios. Para beber, era necessário comprar no supermercado. A comida permanecia em coolers abastecidos com gelo trocado a cada três dias.

Ali existia uma pequena comunidade improvisada de imigrantes. Ucrânianos fugindo da guerra, brasileiros, indianos, cabo-verdianos e angolanos tentando construir vida no país colonizador. "Quem quisesse podia se juntar, mas precisava respeitar a vizinhança e manter higiene". Com o crescimento nas redes sociais vieram também pedidos de retirada e críticas pela exposição do local.

Andréia conseguiu comprar sua caravana primeiro, com ajuda da família. Márcia permaneceu na barraca. Precisava trabalhar mais. Passou então a cozinhar em um lar de freiras e lembra especialmente do período em que acumulou outro emprego em um restaurante durante o Ramadã. Entrava às 8h30 na casa das freiras e saía às 15h. Às 16h começava o segundo turno, que terminava às 23h. "Me contrataram pra servir as refeições e limpar o salão também". Chegava à cabana, uma ou duas da manhã para acordar às seis.

Quando finalmente conseguiu guardar dinheiro suficiente, começou a procurar caravanas no Marketplace do Facebook. Em abril de 2024 encontrou uma anunciada por 3.200 euros. Ainda acima do que possuía, decidiu negociar. Apontou defeitos, barganhou valores e conseguiu reduzir o preço para 2.800 euros. Antes mesmo da compra, já chamava o veículo de "amorosa".

A caravana veio equipada com uma placa solar que até hoje não conseguiu instalar. Para ter iluminação interna, improvisou uma lanterna de acampamento presa ao teto. O telefone é carregado no trabalho ou no shopping. Comprou também um fogão portátil a gás e duas geladeiras usadas mais como armazenamento do que refrigeração. Para gelar alimentos, ainda depende de gelo.







CARISMA CARIOCA, SINTRA 2025.



## CRISE DA MORADIA

Continuar no estacionamento é incerto. Márcia está ali há cerca de um ano sem pagar aluguel. Tentou negociar com os donos do terreno, mas nunca recebeu resposta clara. Nem uma autorização para ficar, e muito menos uma ordem de despejo. Agora procura um lugar onde possa permanecer legalmente e pagando pelo espaço.

A Lei 66/21 proíbe a permanência de caravanas em áreas protegidas e limita o estacionamento a 48 horas consecutivas no mesmo município. Paulo Moz Barbosa, presidente da Associação Autocaravanista de Portugal, acompanha o aumento do uso de caravanas como moradia fixa em meio à crise habitacional.

A associação, que representa mais de 1.200 membros, exige endereço fixo dos associados e admite não possuir experiência suficiente com pessoas que dependem da caravana para dormir todas as noites. Segundo Paulo, Portugal necessita ampliar urgentemente a rede de apoio para as autocaravanas. Hoje o país conta com cerca de 200 parques de campismo, 76 Áreas de Serviço para Autocaravanas, 215 Estações de Serviço e apenas 17 parques específicos para esse tipo de veículo.

A crise imobiliária portuguesa possui raízes profundas. Em 2011, Portugal precisou solicitar um resgate financeiro de 78 bilhões de euros à União Europeia. Vieram medidas de austeridade, cortes salariais e programas voltados à atração de investimento estrangeiro, como os fundos imobiliários urbanos e o Golden Visa, que oferecia residência a quem investisse ao menos 500 mil euros em imóveis.

Em 2017, o país registrou o maior crescimento econômico em duas décadas, impulsionado pelo turismo e pelo capital estrangeiro. Ao mesmo tempo, a valorização acelerada dos imóveis expulsou moradores locais dos grandes centros e transformou a habitação em um dos maiores problemas do país.





Lisboa sobrevive e também se desgasta pelo turismo. O estudo The Portuguese Hotel Ownership Landscape, da Horwath HTL, aponta que empresas internacionais representam cerca de 12% dos proprietários e controlam aproximadamente 13% dos hotéis portugueses. Nesse cenário, o mercado imobiliário passa por uma espécie de colonização turística impulsionada por plataformas como o Airbnb.

Em 2024, Portugal atraiu cerca de 600 milhões de euros em investimentos no setor hoteleiro, dos quais aproximadamente 77% vieram de capital estrangeiro. Os preços dos imóveis se distanciaram dos salários. Dados da OCDE colocam Portugal entre os países mais difíceis para comprar uma casa. Entre julho e setembro de 2024, o índice habitacional atingiu 157,7 pontos, o maior valor desde o início da série histórica. Com o mercado voltado para alugueis de temporada, o alto valor torna difícil a compra ou aluguel de moradias em Lisboa também para os portugueses.

Para os portugueses, morar em Sintra ou demais regiões como Montijo, são opções mais baratas. A presença de imigrantes vivendo em caravanas ou cabanas tornou-se outro fator visível dessa crise. Trabalhadores com salários mínimos já não conseguem garantir sequer o aluguel de um quarto. Enquanto isso, a economia portuguesa segue em crescimento instável. O Banco de Portugal projeta expansão de 1,6% em 2025, seguida de 2,2% e 1,7% nos anos seguintes, com inflação em torno de 2%.

Nesse cenário, trabalhadores estrangeiros tornaram-se essenciais para sustentar a economia, mas seguem com seus salários próximos do mínimo nacional. Sem essa mão de obra, afirmou Mário Centeno, ex-presidente do Banco de Portugal, a economia dificilmente continuaria crescendo.

Entre imigrantes, os valores médios variam entre 760 e 781 euros, enquanto entre portugueses chegam a 945 euros. O salário de Márcia está nessa estatística: 900 euros mensais como cuidadora de idosos por uma empresa terceirizada.



MÁRCIA CONTA COMO COMPROU A CARAVANA, SINTRA 2025.







# “EU VIVO DE SONHOS”

Na última oportunidade que tive de encontrar Márcia, a acompanhei no caminho de volta para casa. Enquanto atravessamos Lisboa entre autocarros e estações de metrô, ela abria vídeos antigos no celular e dizia querer aprender a editar melhor os conteúdos que publica nas redes sociais. Mostrava gravações, perguntava o que poderia melhorar e eu sugeri aplicativos e formas simples de edição.

No trajeto falava também sobre Teresa, de 106 anos, e Manuel, de 90, o casal de idosos de quem cuida atualmente. Mesmo cansada, seguia sorrindo. "Eu não sei como não emagreço, porque subo e desço escada o dia todo. Tô sempre correndo, sempre atrasada", brincou.

Conseguiu o emprego em abril de 2025, pouco depois do fim do contrato anterior. "Quando chego de manhã, começo a cantar e ela sabe que sou eu", conta. "Depois do pequeno-almoço ficamos todos juntos. Ela fala muito sobre o passado". Na convivência diária, Márcia aprendeu a observar o cuidado silencioso entre Teresa e Manuel. Casaram-se quando ele tinha 22 anos e ela, 36. Décadas depois, continuam juntos. O convívio com idosos mudou sua rota. Depois dos anos exaustivos na cozinha, Márcia quer estudar para ensinar gastronomia brasileira a idosos. "Muitas vezes, depois de uma certa idade, as pessoas não querem mais fazer nada. Quero que encontrem arte na cozinha".

Nos fins de semana, quando sobra tempo, abre lives nas redes sociais e transforma a caravana em estúdio para compartilhar seus dias. Nos despedimos já perto do fim da tarde quando comentou que estava com vontade de assar um bolo. Pensei em perguntar como faria aquilo vivendo em uma caravana sem forno, mas ela mesma respondeu antes. Disse que aprendeu a preparar bolos usando apenas uma forma e a pressão da panela. "Eu sou cozinheira, sei fazer as coisas", gargalhou.

Segui sozinho no metrô imaginando a cena. A pequena caravana ganhando cheiro de cozinha, o vapor escapando da panela, o celular apoiado em algum canto enquanto ela grava mais uma live. Márcia se ajeitando antes de começar outra transmissão. "Oi, gente. Mais um dia na amorosa, sempre com o objetivo de mostrar meu dia pra vocês. Vem comigo".



JARDIM DE SANTA CLARA NA AMEIXOEIRA, AQUARELA DO AUTOR, LISBOA 2025.





A COZINHA DA CARAVANA, SINTRA 2025.









O SAMBA ME LEVA PARA CASA





À minha frente, uma fachada em tons rosados suavizados pelo sol de Lisboa. Janelas alinhadas em quatro andares formam uma cadência quase musical. Quatro por quatro. À primeira vista, um arquiteto formado em Portugal diria que se trata apenas de uma estrutura habitacional construída entre os anos 60 e 70, sem adornos exuberantes, carregada da harmonia típica do século XX. Fachadas lisas, portões verdes de madeira, varandas discretas com grades de ferro.

Ao nível do solo, uma mercearia à esquerda, portas fechadas e misteriosas ao centro e, à direita, um pequeno ateliê de moldagem de cerâmicas. A árvore à frente lança sombras quebradas sobre a fachada, como se fizesse parte do disfarce. Quem passa talvez não imagine que atrás dessas paredes se grava, se cria e se respira música.

A porta central leva ao que há internamente, camuflado. É ali que o "Camaleão" se esconde, um estúdio musical vestido de residência familiar. Emile Pereira sai da porta verde carregando o pandeiro dentro da mochila. No estojo dos fones há um adesivo do Coletivo Gira, grupo feminista de samba fundado por ela e formado por mulheres brasileiras. Espera alguns segundos antes de atravessar a rua, sem pressa. Tem tempo, vive da música e já não é preciso trabalhar doze horas por dia como diarista.

Passou as últimas quatro horas ensaiando com as companheiras. Agosto mal começou e já existem pelo menos oito apresentações marcadas e com expectativa de casa cheia. Aos 35 anos, sente-se segura por ter criado um espaço seguro, um ponto de encontro.

Sentamos em uma cafeteria próxima, mas não pedimos nada. Aproveitamos o tempo para conversar sobre a história do coletivo atrelada à sua própria trajetória. Durante anos, se contetou em trabalhar mais pela subsistência do que pela paixão. Primeiro no Brasil, depois em Portugal. Ainda adolescente, quando percebeu que tocar samba não pagaria as contas, encontrou trabalho em outros caminhos. Um deles na solda, vivendo de unir materiais através do calor extremo. Com mãos firmes, guiava o arco elétrico sobre chapas e estruturas de aço, observando o calor extremo transformar superfícies rígidas em matéria maleável. Bem diferente de tocar cavaco ou percussão, mas que também exige concentração e precisão.



FACHADA DO EDIFÍCIO QUE ABRIGA O ESTÚDIO CAMALEÃO, AQUARELA DO AUTOR, LISBOA 2025.



Quando completou 26 anos, em um período que descreve apenas como "não aguento mais", decidiu sair do Brasil. Impulsionada pelo desejo da então namorada de migrar para Portugal ou Espanha, acabou servindo também força para a mudança. Ouviu da família que parecia loucura. E no início de sua trajetória em outro país, pareceu mesmo. Sobrava trabalho e faltava futuro. "Cara, eu trabalhava doze horas por dia. Tinha um ordenado mínimo, pagava conta e não sobrava nada. Não tinha descanso. Não tinha tempo pra mim".

Nos momentos de lazer, buscava sua grande paixão, a música. Se encontrava nas rodas de samba e sentia vontade de voltar a tocar. O grupo também nasceu da ausência. Quando começou a frequentar rodas de samba em Lisboa, Emile percebeu que era, muitas vezes, a única mulher presente. "Aí eu comecei a me perguntar: onde estão essas mulheres? Principalmente as negras? Muitas estavam trabalhando. Sem tempo de ensaiar, descansar ou viver a própria cultura. Outras aprenderam cedo demais que determinados espaços exigem prova constante de merecimento". Viu o coletivo se formar na sala de sua própria casa. Indo de porta em porta, convidou mulheres para tocar consigo.

Dentro do próprio Coletivo Gira, percebeu como o apagamento também atravessava a construção da memória. Das três fundadoras, é a única mulher negra. Ainda assim, sente que raramente apontam para ela quando contam a origem do grupo. "Difícilmente alguém olha pra mim e diz: foi ela que começou".

Por isso decidiu transformar o coletivo também em espaço de conversa. Procurou uma psicóloga para acompanhar a banda. Não apenas para falar de música, mas sobre racismo, gênero, imigração e os silêncios que permaneciam mesmo entre mulheres próximas.

"Não quero que contem essa história por mim". Emile fala frequentemente sobre voz. Sobre dizer o próprio nome. Sobre existir sem diminuir a própria presença. "Eu preciso cantar. Preciso dizer meu nome. Minha voz é importante aqui".







A FILHA DA GAL, LISBOA 2025.



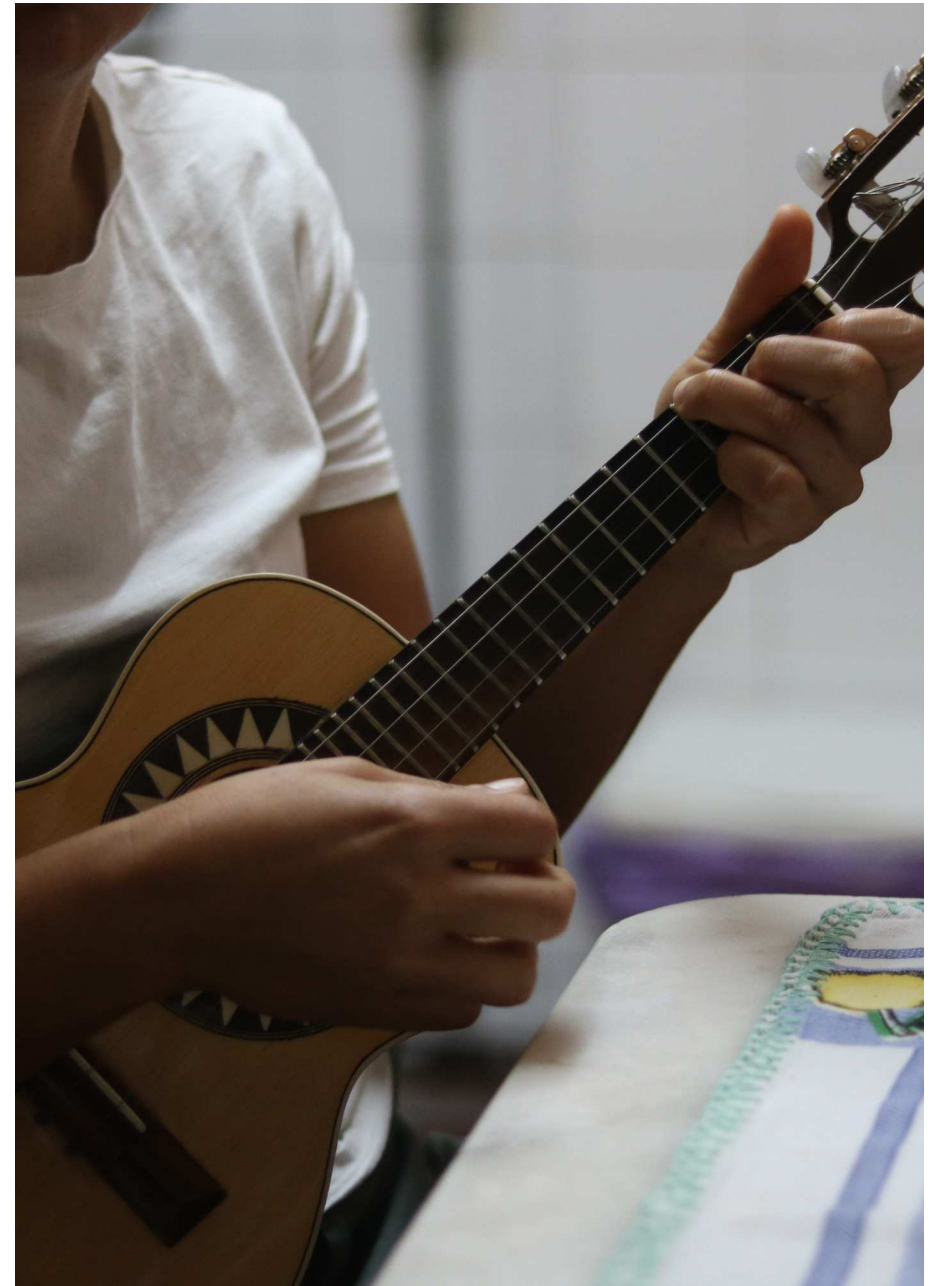
## A FILHA DA GAL

Fui convidado para tomar um café no fim da tarde no apartamento onde tudo começou, localizado na região da Quinta das Pretas, em Odivelas, na Área Metropolitana de Lisboa. Lá conheci Gal, sua mãe. Sobre a mesa havia café e chipa preparados pelas duas. "Nasceu aqui em casa", conta Gal. "As conversas aconteceram por aqui e eu fui acompanhando tudo".

Emile me deu mais detalhes sobre esse início. "Ouvi muito não de mulheres: 'ah, não quero', 'é muito difícil'... mas a gente nem tinha tentado ainda. Qualquer oportunidade que eu tivesse, eu falava disso". Nascida na Bahia, o amor pela música começou junto com a capoeira. Quando dois rapazes chegaram ao bairro onde cresceu propondo montar um grupo, Emile quis ir imediatamente. Gal preferiu primeiro descobrir quem eram aqueles meninos. Acabaram frequentando juntas. "Não fazia capoeira, mas comecei a ir", lembra Gal.

Foi ali que Emile começou a tocar pandeiro e berimbau. Aos poucos, participou das rodas e, observando os meninos, aprendeu na espertice. "Pra minha sorte, os ensaios eram lá em casa e os instrumentos ficavam guardados no quarto da minha mãe. Quando ela saía, eu ia lá mexer e depois devolvia". Gal conta que deixava a filha aproveitar oportunidades que ela mesma nunca teve. "Minha oportunidade foi ser mãe. Os meus pais iam trabalhar e eu cuidava dos meus irmãos. Meu maior desejo era ter uma filha independente e livre". Aprendeu a ser forte ao lado da filha. "Hoje eu vejo que posso muito mais do que imaginava".

Após o coletivo alcançar reconhecimento, Emile tenta se desprender da ideia de perfeição. Recentemente voltou a aprender cavaquinho. Diz que o processo parece com aprender um novo idioma. Os dedos demoram a obedecer, o corpo estranha, mas aos poucos a música começa a fluir. Também começou a escrever para o primeiro disco de estúdio do grupo. "Procuramos compositores para o disco, mas depois pensei: é melhor a gente escrever". Perguntei se tinha composto algo novo. Puxou o cavaquinho e começou a cantar. Era uma música para a mãe. "Sou filha da Gal, por isso aprendi no exemplo. Mais vale um passo pequeno do que não sair do lugar".













## O SOM DA GIRA

Assim que cheguei ao local do show, percebi que o rooftop tremia. Sapatos batiam contra o chão, corpos seguiam o fluxo ao redor de uma roda ainda silenciosa. Faltavam cinco minutos para as 19h e já era quase impossível se locomover de um lado para o outro. Cabeças se acumulavam, telemóveis eram retirados do bolso e erguidos ao ar.

O Coletivo Gira se apresentaria em instantes. O som já havia sido passado, os instrumentos estavam reunidos. Violão e cavaquinho encontravam a percussão. Sobre a mesa central repousava uma bandeira LGBTQIAPN+, orgulho que parecia iluminar o espaço por si só. Em sua posição, Emile sentou-se à frente do surdo, como se apenas ele pudesse ouvi-la. Havia uma comunicação silenciosa entre artista e instrumento. O tambor grande de madeira aguardava a preparação da baqueta de cabeça branca apoiada sobre ele. Bastaria um toque para anunciar o início do concerto.

Ao lado de Emile estava sua namorada, Letícia, câmera em mãos e sorriso de quem acompanha quem ama. À medida que as integrantes ocupavam seus lugares, a roda se fechava ainda mais. Junto da percussão, o cavaquinho dava a letra e iniciava a festa. O chão balançava à medida que os passos se uniam ao ritmo. Era possível encontrar sapatos feitos em todo o mundo. Um tipo de democracia que apenas a música consegue atingir.

"Abre alas que hoje eu quero sambar", dizia uma garota ao atravessar a multidão. Com a câmera nas mãos, precisei abrir espaço. No centro estavam as giras, não no sentido religioso, mas como roda, encontro, movimento coletivo.

Pulsava ali uma ideia de casa compartilhada através da música. Falavam de liberdade e, nos momentos de discurso, lembravam daquelas que vieram antes. Mulheres do samba como Clementina de Jesus e Leci Brandão.

Emile, que usava óculos do tipo "juliet", parecia completamente diferente daquela que conheci na cafeteria ou na mesa de sua casa. Como havia me dito antes, parecia livre. Soltava a voz sem medo. Batia palmas, o público acompanhava. Aos poucos, eu mesmo me soltava.









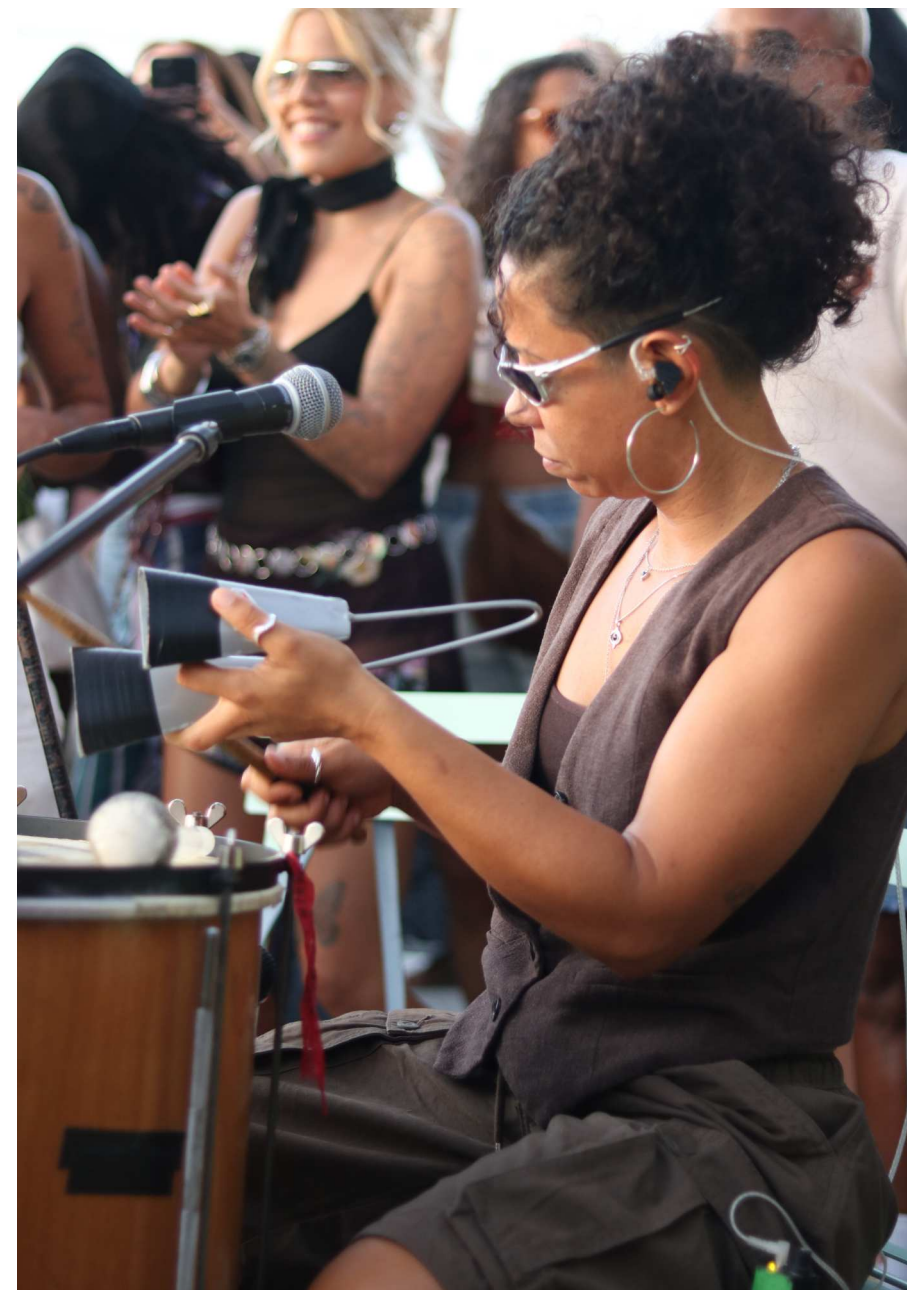
Deixava que os passos tímidos de quem normalmente não se aventura na dança finalmente acontecessem. Senti o espaço seguro que Emile tentou me explicar. O estado de sentir-se em casa. Lembrei de rodas de samba da minha cidade, que mesmo tímidos como em outras regiões do Brasil, tem som de casa.

Beatriz Amazonas, atrás de Emile, também absorvia tudo com intensidade. Também está longe de casa. Nasceu no Rio de Janeiro. "Ir para uma roda de samba hoje em dia é revitalizar uma menininha da zona norte que amava dançar e estar no meio de tanta felicidade".

Ao final do concerto, o som chegou ao ápice. O êxtase do fim depois do esforço máximo. Público e artistas deram tudo de si em cada batida, música e gesto. Emile bebia uma, duas garrafas de água. Resfriava a própria solda interior depois de tanto calor. O suor ainda escorria pelo rosto, os músculos já demonstravam cansaço, mas ela permanecia plena.

Era reverenciada pelas colegas e pelo público que, ainda em pé, continuava aplaudindo. Mesmo depois do “bis”, ninguém parecia disposto a ir embora. Uma nova onda de pedidos por mais uma música se ensaiaram. Aqueles que ainda gostaria de ouvir mais uma tiveram de aceitar o fim da noite. Tinham seus corpos consumidos pelo samba, pela roda, por algo difícil de explicar e fácil de sentir. Assobiavam e batiam palmas como quem tentava prolongar um pouco mais os minutos que se passaram.

Emile tira fotos, posa, cumprimenta e acompanha as colegas ao sair do centro. Depois se senta em silêncio e acende outro cigarro enquanto observa o movimento diminuir aos poucos. Quer levar aquele sentimento de casa para mais pessoas, a sensação de pertencimento, encontro e calor que encontrou na música.

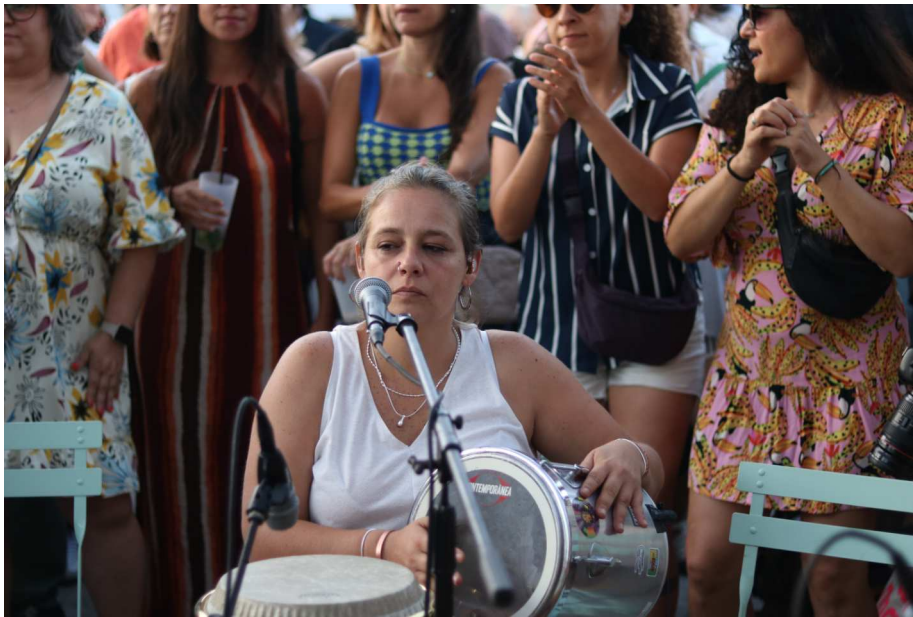




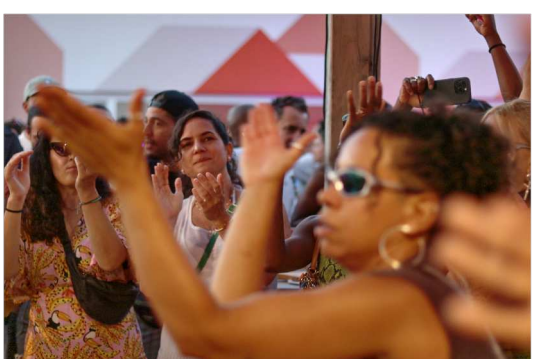
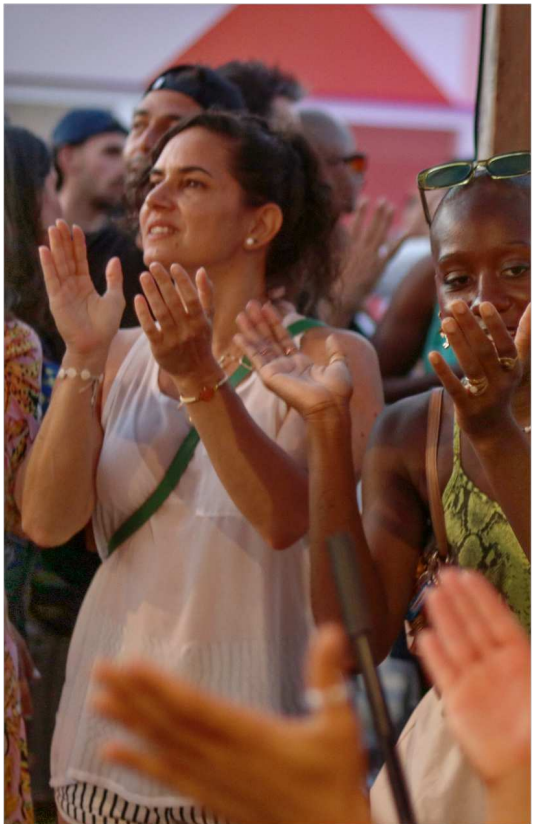
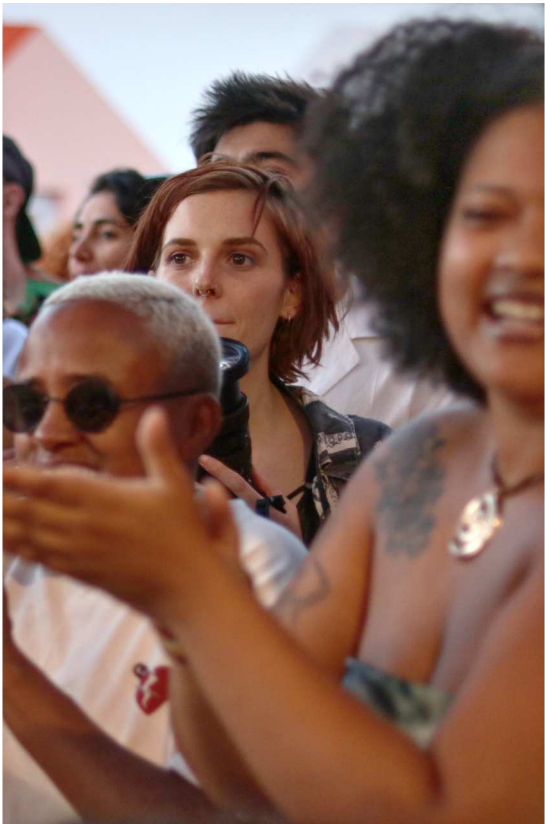


No comando do ritmo, Lisboa 2025.













## A LIBERDADE DE ISABEL





Um dos lugares favoritos de Isabel Barbosa é a Biblioteca de Alcântara, centro cultural situado no reabilitado Palacete dos Condes de Burnay, inaugurado em 2020, mesmo ano em que se mudou para Portugal. Nos sentamos em uma área com vista para o prédio central. Acima de nós, o céu e os trens que cruzam a Ponte 25 de Abril. Admiramos a pintura na parede voltada para o jardim da biblioteca. O mural, dedicado aos golfinhos que voltaram a aparecer no Estuário do Tejo durante a pandemia, ocupa quase toda a lateral do prédio. Isabel observa os animais atravessando o azul da parede enquanto fala sobre um período em que precisou reaprender a reconhecer os próprios limites.

Poucos meses depois de chegar ao país, Isabel entrou em uma relação que hoje descreve como abusiva. No início, os sinais pareciam pequenos: comentários sobre roupas, controle sobre saídas, dependência emocional e financeira crescendo aos poucos até transformar a convivência em sufocamento. "Quando estamos numa relação abusiva, a gente não percebe". Durante muito tempo evitou contar à família ou até mesmo à terapeuta o que acontecia. "Eu sempre aconselhava minhas amigas quando elas viviam situações parecidas, mas não percebia que eu também estava vivendo aquilo".

A separação foi difícil. Precisou bloquear o ex-companheiro depois de insistentes tentativas de reaproximação. Hoje fala sobre o período tentando reorganizar a própria memória sem transformar a experiência em definição permanente. "Porque nós temos que passar por isso, por relação abusiva? Essa relação me ensinou a saber o que não quero. E o que não quero é viver presa, não quero viver mal. Quero ter voz".

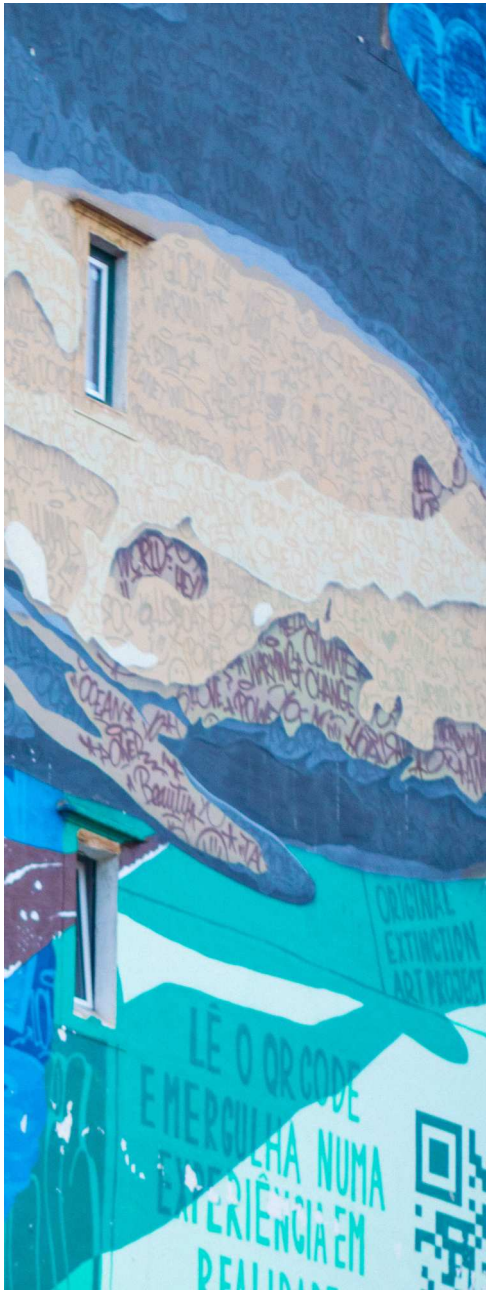
Isabel sente que ainda precisa trabalhar os próprios traumas. "Ainda quero desconstruir muita coisa. Sinto que, caso encontre alguém, não quero morar junto novamente. Os meus medos falam mais alto e esses medos eu também preciso afastar".

Em seu tempo livre, costuma caminhar por Lisboa em locais que a fazem bem. Gosta particularmente da Fundação Gulbenkian, onde passa horas no jardim, e das margens do Tejo, talvez pela necessidade antiga de permanecer perto da água. Cresceu próxima do mar e ainda sente falta dele.

Nasceu em Natal, nordestina, filha de um político envolvido com ações comunitárias e de uma professora costureira. Cresceu em uma casa onde cuidar dos outros parecia inevitável. Quando os pais se separaram, ela ainda era pequena. Aos treze anos, já dividia responsabilidades dentro de casa. "Eu vi muito a dor da minha mãe e fui assumindo tudo junto com ela", lembra. "Passei a viver a vida dos outros".







GOLFINHOS DE ALCÂNTARA, LISBOA 2025.





EM SEU LOCAL FAVORITO, LISBOA 2025.







## ENTRANDO NO NINHO

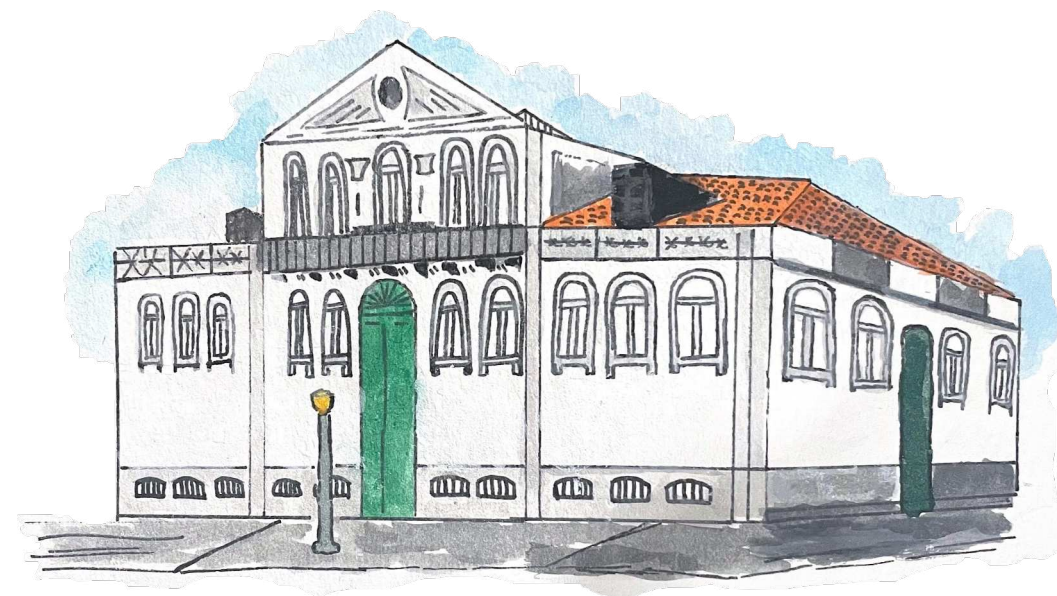
Estar ao lado das pessoas a fez pensar em estudar Serviço Social quando atingiu a maioridade. Acabou optando pela graduação em Turismo, influenciada pela força do setor na cidade e pela busca de estabilidade financeira. "Talvez o universo vá conspirando para aquilo que queremos ser", comentou. Em 2020 decidiu deixar o Brasil. "Eu queria viver minha vida realmente, queria saber quem é Isabel".

Em outro país, limpou casas e trabalhou longas jornadas. Depois conseguiu emprego como angariadora de fundos de uma instituição ligada ao trabalho de palhaços em hospitais infantis. Atualmente é instrutora de oficinas de costura do Ninho, instituição que promove a inclusão social de mulheres vítimas de exploração sexual.

Entre os edifícios de Alcântara, uma casa azul abriga o espaço onde Isabel trabalha. Em sua sala há quatro máquinas de costura apoiadas sobre mesas de madeira antigas, ainda com pedais presos aos móveis, e outras espalhadas ao redor de uma mesa central comprida cercada por cadeiras. Em um armário ao fundo acumulam-se tecidos, novelos, moldes incompletos e peças preparadas para o Natal. "Costurar exige paciência", diz, lembrando que, se for necessário, é preciso desfazer nós e começar novamente.

Chegou à instituição em janeiro de 2025. Desde então, aprendeu que grande parte do trabalho começa antes de qualquer orientação prática. "Muito do trabalho é observar". Uma de suas primeiras iniciativas foi criar rodas de conversa quinzenais entre as mulheres atendidas pela instituição. Os encontros não possuem metas objetivas ou obrigação de produtividade. "Não há obrigação de produzir nada durante esses encontros, às vezes escolhemos temas específicos para falarmos".

Costuma conduzir os encontros quase como pequenos exercícios de desaceleração. Pede para fecharem os olhos, respirarem e escutarem umas às outras. "No início havia muita resistência, ainda mais comigo, porque é difícil para essas mulheres confiarem". Em seguida me faz uma pergunta: "O que você pensa quando falam em prostituição?" Respondo que imagino uma mulher parada na rua. "Sim, não se pensa, por exemplo, que homens também podem se prostituir, ou no homem que faz mal a si acessando esse sistema. E mesmo assim, a carga sobre a mulher é muito mais pesada. Eu penso em todas, elas são um produto".







ISABEL NA MONTEIRO SERRA, AQUARELA DO AUTOR, LISBOA 2025.







A desconfiança não surge do nada. A promessa de melhores condições de vida em Portugal é frequentemente utilizada por redes de tráfico internacional para aliciar essas mulheres. Ao chegarem ao país europeu, acabam submetidas à retenção de documentos, violência e condições degradantes.

A Organização Internacional do Trabalho afirma que a exploração sexual movimenta US\$ 150 bilhões todos os anos. O relatório anual do Sistema de Segurança Interna, divulgado em 2025, aponta que brasileiros estão entre as principais vítimas de tráfico humano em Portugal.

Nos registros de exploração sexual, o Brasil também aparece em primeiro lugar. "Nós temos uma brasileira agora", conta Isabel. Explica que existe dor em cada uma das histórias. "Dentro da instituição, é importante não focar no passado, não pode haver julgamento. Por exemplo, essa brasileira, até ela se sentir segura para falar sobre si, leva tempo".

"Quando eu estou ali na sala, eu quero passar segurança para elas. Agora mesmo eu estava costurando um avental e estava saindo errado, aí uma delas veio me dizer que eu estava errando. Eu sempre fui muito aberta em dizer que também aprendo com elas". Recentemente comentou que na semana seguinte iniciaria suas férias. As mulheres responderam em tom de brincadeira: "Olha Isabel, sabemos que você está cansada, mas você não devia tirar férias?".

Ela ri ao contar, mas admite que se preocupa em deixá-las. "Como vou de férias, fico preocupada, mas elas conseguem sem a minha presença. Sei que posso confiar". Pergunto a Isabel, o que fará primeiro agora que está de férias. "Vou primeiro descansar, e depois quero sair, voltar a Gulbekian, aos lugares que gosto de ir". Caminhamos juntos após deixar a biblioteca, ambos para a mesma parada. Ela com destino a Belém e eu com destino a Ajuda. Foi essa a última vez que nos encontramos.







**LONGE DE CASA**





Não foi por mar, e sim pelo ar, sem grandes caravelas a zarpar ou a aportar no cais. Nove horas de viagem depois, cheguei por aterrissagem mesmo. Entre 7.300 km a 8.600 km de distância, tudo depende da cidade de origem. Origem, origem mesmo, Brasil. Destino, Portugal. Parado em frente ao aeroporto notei que a chuva não me daria sossego. Perguntei por um ônibus e me responderam com "autocarro". Em algum momento, "ônibus" virou "autocarro". Ou então "autocarro" talvez tenha se tornado "ônibus". Não me foi necessariamente estranho esse termo, havia convivido com uma amiga de coração enorme e lisboeta no passado. Catarina viajou até Florianópolis, minha cidade natal, e foi mesmo uma santa que me ensinou palavras que no futuro utilizaria. O fuso horário, três horas para frente no relógio de pulso que carregou. Presente de minha mãe que me disse no primeiro dia de aulas na universidade: "Jornalista não pode perder a hora!".

Não fui capaz de cruzar o vento usando velas, pedi um uber mesmo. "Corre senhor motorista, por favor", eu pedi, ao que ele me respondeu "Calma lá puto, vamos chegar". Puto? questioneei comigo mesmo. Bom, não há por que se estressar, não é xingamento por aqui. Puxo duas malas do carro em meio a chuva que cai sobre meus cachos. Deixo minha vida em rodinhas sob o olhar do segurança e subo as escadas. O "velho mundo", visitado por mim pela primeira vez. Primeiro carimbo no passaporte.

Primeiro contrato de aluguel. O alojamento mais barato, 253 euros ao mês (se não fosse pela universidade pública isso jamais ocorreria). "Cá estão as chaves, o teu contrato, o mapa da residência. Assina aqui... depois aqui". Carimbo ali, carimbo acolá, e um "seja muito bem vindo a Lisboa". Peguei tudo que precisava, inclusive a bolachinha da recepção.

Cheguei para morar na Freguesia da Ajuda. Na residência não havia ninguém conhecido para me receber, fui recebido por uma gata cinzenta, molhada e com fome. Miava em meu caminho, não me deixava passar, montou barricada. Eu com malas e a gata a roçar em minhas pernas pedindo proteção. Não ligava para a água, nunca vi gata que não foge da chuva. A chamei de Laura, e então fui eu e Laura até a entrada da residência. "Bonitinha", pensei, "parece fêmea, então será Laura". Na recepção, observei alguém detrás do balcão: a segurança, Janine. Perguntei de onde era a gata. Ela olhou por cima do balcão, "o Ruca?", perguntou. Não podia ser Laura, não era nem menina. Era o Ruca, abreviação de Residência Universitária do Campus da Ajuda.

Documentação mesmo, eu tinha apenas o visto. Ainda sem o NIF, o Número de Identificação Fiscal. Não ter um é como não existir em Portugal. A falta dele também impossibilita, por exemplo, ter um trabalho formal. Larguei minhas coisas no quarto e me pus a sair novamente. Não tinha comida no armário, não tinha nem panela. Ao menos o sobretudo me aquecia em um frio abaixo de dez graus na primeira volta que daria sozinho pela região.





Descendo a rua em direção à calçada da Ajuda, encaro um galo enorme de pedra em uma torre. É o que sobrou da antiga capela e do complexo de madeira construído pela família real portuguesa após o terremoto de 1755. Antecede um gigantesco palácio iluminado, e o jardim das damas do palácio. Encarei de frente pra mim uma estátua de bronze. Se tratava do monumento ao Rei Carlos I. Eu, outro Carlos, reverenciei o xará, sentindo-me homenageado também. As paredes de pedra do Palácio Nacional da Ajuda são magníficas.

Para entrar no palácio, precisava de NIF. Disse que esqueci, mas apresentei a carta que a Universidade de Lisboa me enviou. Consegui entrar.

No primeiro cômodo, havia ouro à minha volta. Papéis de parede que pareciam saltar brilho à minha face. Aposentos reais, salões do Estado. Os lustres brilhavam, o recepcionista prometeu que eu veria diamantes. E eu vi, estava à minha frente o tesouro real. Literalmente as Joias da Coroa Portuguesa. Foi curioso o sentimento dividido entre admiração e desprezo. Pensei em quanto sangue havia por trás de toda aquela riqueza, apenas para que um monarca se sentasse todos os dias em uma cadeirinha coberta de ouro.

Reconheci bustos do Dom Pedro, por conta do bigode, e me surpreendi com uma exposição dos 200 anos da independência do Brasil. Junto disso, talvez o motivo mais bobo para minha felicidade: ver uma harpa pela primeira vez na vida. Ela tinha desenhos de anjos e era produzida por uma empresa londrina, fornecedora de instrumentos musicais para famílias reais de diferentes países.

O restante do dia foi voltado a informar meus pais de que estava bem. Dormi cedo para ir em busca do NIF no dia seguinte. Saí às quatro horas da manhã, e esperei o autocarro na parada à frente da residência. Fiquei em silêncio observando as poucas luzes que saíam de suas janelas.

A luz do farol de um autocarro da linha se aproximava. Embarquei nele e segui viagem até o posto de documentação, na região de Saldanha. O veículo me deixava perto, mas nem tanto. O jeito foi caminhar por pelo menos 10 minutos. Chego e me sento ao lado dos dois únicos imigrantes do local. Se eu era o terceiro, pensei, o Senhor ajuda quem cedo madruga. Quero ver quem vão ser os próximos 47 que vão chegar e conseguir uma senha hoje.

Ao meu lado uma senhora mantinha seu celular como seu entretenimento na madrugada. Eu espiava sua tela e no cantinho via que passava das quatro horas da manhã. Ela rolava a tela e em meio a vídeos compatíveis com seu humor, decidi parar em uma espécie de entrevista com uma imigrante. "Essas pessoas fazem mais pelo país, porque como eu, elas vêm trabalhar e ainda enviam os ganhos para as suas famílias. Fazemos falta porque o amor por nosso país não se faz pela presença física, mas pelo amor por quem ficou", era o discurso dela.





A passagem do tempo me acompanhou, mais pessoas surgiram e a fila mudou na última hora. Sentou-se ao meu lado um casal, ela usava um vestido longo, que se movia com o vento. Os cabelos escuros, presos de forma frouxa, alguns fios soltos caindo sobre o rosto em meio aos seus olhos bem pretinhos jabuticaba. O lenço cobria a cabeça, mas deixava o pescoço à mostra. Ele vestia uma camiseta escura. No centro do peito, a bandeira de seu país aparecia gasta, com as cores da Palestina um pouco desbotadas pelo uso. Eles iam e voltavam para a fila, e eu não compreendia uma única palavra do que diziam. Notei que desistiram de seguir na fila, não entendi o motivo.

Quando faltava uma hora para a abertura perguntei ao segurança se era comum esse número de pessoas. Ele me disse que após a pandemia, o sistema ficou ainda mais sobrecarregado. Sucateamento, falta de funcionários e aumento da imigração. Com isso, as filas aumentaram e as senhas diárias diminuíram. Segundo ele, mais de 200 pessoas passam por aqui a cada dia em busca de um número de contribuinte.

Quando finalmente abriu, recebi um papel em mãos, quase um tesouro, que só dizia o setor em que eu seria atendido. Fiquei à espera até ser chamado. “Por qual motivo estás em Portugal?”, ouvi isso de uma senhora com óculos bem pequeninos. “Vim para estudar na Universidade”, lhe entregando a declaração. Um carimbo aqui, outro ali, um documento impresso, outro assinado e em menos de três minutos eu tinha o número. Mas enquanto eu comemoro nas ruas de Saldanha notei cada um dos imigrantes que iam a porta e ouviam que havia finalizado as senhas, e aquela fila de duzentas pessoas ia se dissipando, uma a uma com a mesma resposta.

Ao final do dia eu poderia ter um cartão, estou registrado nas finanças, posso trabalhar legalmente, posso abrir uma conta bancária com facilidade, posso assinar até contratos, seja luz, água, internet... posso alugar um cantinho de forma legal, posso emitir fatura, posso muito. Mas há quem não possa. Há invisibilidades em todos os lugares, dados que não existem, porque para ser contado é necessário ter um número de contribuição.

O trabalho escravo, a falta de segurança e a irregularidade não contribuem para ninguém. São reflexos do desespero de quem busca pão na mesa, um lar sem guerras ou simplesmente uma vida melhor. As filas para a obtenção do NIF mostram que essas pessoas querem estar regularizadas. Mas, enquanto não entram no sistema, permanecem à margem dele: para o Estado, muitas vezes, é como se nem existissem.

Retornei à residência e observei de longe o palácio. Da primeira vez não me importei tanto com tudo que vi, mas agora pensei que aquele ouro todo explorado teria evitado muitas filas da loja do cidadão nos dias de hoje.







SALA DO TRONO, LISBOA 2025.



## CRAVOS DA LIBERDADE

Hoje é 25 de abril. Eu obviamente tive que pesquisar melhor por que há bandeiras de Portugal hasteadas por todos os lados. Há também cravos nas roupas das pessoas, ou nas mãos, ou pintados em paredes, emoldurados, bordados, e de diversas formas. Como descobri, essa data celebra o fim da ditadura em Portugal.

A ponte que vejo quando olho para o horizonte a partir da minha universidade hoje se chama 25 de abril, mas antigamente seu nome era Ponte Salazar. Por incrível que pareça, a extrema direita tem conseguido criar o sentimento de saudade da ditadura. Mas isso é bem pequeno em relação ao que pensa/sente a maior parte dos portugueses.

O dia 25 de abril representa também a liberdade de imprensa, do voto, de ir e vir. Também marcou em seguida o fim do colonialismo português, foi com o fim da ditadura que as últimas colônias foram encerradas. Como não há aulas, decidi aproveitar, sair pelas ruas e ver a reunião das pessoas nessa data. Fugi do meu caminho habitual e desci por toda calçada do Alto da Ajuda até Santo Amaro.

Além disso, as caminhadas que faço com o objetivo de economizar passagem me fizeram perder peso, mesmo que isso não seja exatamente um objetivo. Do trajeto, um pouco do mesmo, muitos azulejos de cores e formas diferentes. O que mais me chamou a atenção

durante uma caminhada simples foi a frase pintada na parede "O direito à cidade não se vende! Vote CDU".

A caminhada seria longa. Após a Ajuda, passei por Alcântara e comecei a subir em direção ao Jardim da Estrela. Acabei em um local novo, a Avenida Pedro Álvares Cabral. O homem que "descobriu" o Brasil. Ainda assim, a História Portuguesa parece ter sido mais generosa com Vasco da Gama, que efetivamente chegou às Índias.

Essa estátua em si foi enviada pelo Brasil, como homenagem ao navegador pelo aniversário de 400 anos da descoberta. Bom, até o Brasil aparentemente o trata melhor que Portugal. Comecei a caminhar para a baixa de Lisboa, e com isso posso dizer que a caminhada durou cerca de 1h30. Quando notei, estava em um mar de gente, portugueses que caminhavam até a Praça da Liberdade.





Completaram-se hoje os 51 anos do 25 de abril. Juntos, estavam dos mais idosos aos mais jovens, daqueles que viveram a data e aqueles que leram sobre o ocorrido em livros ou na internet, como eu. Cantavam todos: "25 de abril sempre, fascismo nunca mais!".

Os cravos distribuíram-se entre as pessoas, por meio da banca de uma florista, e assim todos eram contagiados pelo vermelho. Tal como os militares em 1974. As floristas são símbolo da revolução porque o ofício em especial deu nome a essa revolução. Na ocasião, Celeste, a florista, ofereceu cravos aos militares. À medida que recebiam as flores, colocavam-nas nos canos de suas armas. Simbolizava também uma revolução pacífica.

Ao fundo se ouve Sérgio Godinho, Rui Veloso e António Variações. Músicos que aprendi a admirar e que tenho colocado para ouvir em meu dia a dia. Entre as músicas, a que mais se repetiu foi "Grândola, Vila Morena" de José Afonso. Música que há meio século foi escolhida como senha, utilizada no rádio para comunicar o início da revolução.

Perguntei à malta mais próxima o que significava o 25 de abril. Para as mulheres significava poder votar, poder eleger alguém que defendesse a sua voz. Para alguns amigos de Cabo Verde significava o fim do colonialismo, o fim da guerra colonial e poder ver o seu país livre. Perguntando a meus amigos da comunidade LGBTQIAPN+, me foi dito que pouco tempo depois da Revolução o primeiro manifesto de liberdade sexual foi publicado em Portugal.

Para mim, brasileiro, o 25 de abril pode ter menos impacto direto, mas o cenário se assemelha. Brasil e Portugal têm democracias jovens, viveram a opressão da ditadura, e são democracias relativamente frágeis porque há sempre alguém a atentar contra elas. Entretanto também serão fortes ao mesmo tempo, enquanto houver pessoas que lutem por isso. No dia da Liberdade, vi protestos e pedidos por mudanças, melhorias, e sobretudo a união pela manutenção da democracia. Estavam ali etnias e origens diferentes com os cravos ao ar, então eu também o levantei, porque liberdade não tem nacionalidade, deve ser defendida em qualquer circunstância.







MÃE E FILHA, LISBOA 2025.





JUVENTUDE PORTUGUESA, LISBOA 2025.





AQUELES QUE VIVERAM A REVOLUÇÃO, LISBOA 2025.







MONUMENTO AOS RESTAURADORES, LISBOA 2025.





NÃO AS TERÃO CALADAS, LISBOA 2025.





LIBERDADE E INEPEDENCIA, LISBOA 2025.











Três dias após o 25 de abril, um dos dias mais caóticos e interessantes ocorreu no país. O apagão de 2025, que deixou Portugal e Espanha no escuro. O que fazer quando não se tem comunicação, dinheiro, internet e muito menos bateria no celular? A data me trouxe um misto de sentimentos. Lembro de passar horas na Universidade esperando, com alguns amigos, que familiares viessem buscá-los. As aulas foram interrompidas às 11h, muitas pessoas não conseguiam sequer informar suas localizações. Lembro também de ir a mercados e vê-los fechar por falta de energia e, principalmente, de suprimentos.

Eu e um amigo fomos a três mercados. O primeiro estava fechado. O segundo aceitava apenas dinheiro físico. Eu só tinha dinheiro em um banco digital e imediatamente pensei que, em situações de emergência como aquela, eles se tornavam obsoletos. Não havia energia nas máquinas de cobrança nem internet para transações bancárias.

O terceiro chega a ser cômico. Notamos pessoas saindo com sacolas dele, pulamos e dançamos no estacionamento como se tivéssemos descoberto ouro. Quando fomos acessar o local, a segurança apareceu para informar que o mercado estava fechado.

Retornamos para a residência. Lembro-me de ter de comer todos os enlatados que havia em estoque, já que os fogões elétricos não funcionavam. No meio do pátio da residência fizeram fogueiras para assar carnes e processados, afinal muito provavelmente estragariam em pouco tempo.

Chegavam informações sobre o que havia ocorrido, a maioria falsa. Alguns falavam em caças russos e diziam que Putin tinha interesse estratégico em Lisboa. Outros afirmavam que poderia ter sido um ataque de drones às redes de energia. As fake news se propagavam com ainda mais facilidade em momentos de crise. E o pior: com o avanço da tecnologia, o rádio hoje em dia está nos nossos celulares, mas se não houver bateria, não há o que fazer.

A realidade é que eu nunca tinha visto tanta gente reunida no mesmo lugar na residência. Naquele dia aconteceu de tudo: conhecer pessoas novas, fazer música com a banda da faculdade, jogar cartas, jogos de tabuleiro e explorar todo o prédio.

No dia do apagão, sem bateria na câmera, nem fotos pude fazer. Me restou, assim como a todos meus colegas, esperar o tempo passar. Fiz uma pintura do pátio; o que sobrou daquela conversa e interação toda foram alguns cravos vermelhos em garrafas vazias de cerveja. E também um pensamento assustador. Eu que sempre brinquei que, em caso de guerra, correria o mais rápido possível para o Brasil, notei que não seria tão simples assim.





## PASTÉIS DE ÓLEO

O verão em uma residência universitária pode ser solitário quando se é o único estrangeiro do corredor. Eu consegui a façanha de pegar exame em História da Colonização Moderna e Descolonização. Chega a ser cômico, mas em minha defesa eu não cheguei a tempo para a primeira prova por conta do visto. Com o fim das aulas todos os meus colegas retornaram às suas cidades de origem. Voltaram a Aveiro, Caldas da Rainha, Bragança e Porto.

Tenho tentado encontrar formas de me distrair, às vezes vejo uma série, ou leio algo do noticiário, mas não queria ficar muito na internet. Os memes do Brasil demoram para chegar aqui, então me sinto completamente desatualizado. Para piorar, ou não, notei que nesses meses tenho pegado um pouco de sotaque e mudado meu vocabulário de pouco em pouco. **Malta, passadeira, giro, perceber, fixe**, todas essas palavras se aderiram a mim. Mesmo que eu tente falar da forma que sempre falei, é comum em uma ligação ou outra com familiares e amigos que me digam que estou com sotaque ou que estou "muito português". Na realidade é um anexo da nossa vida mudar, aprender palavras novas, até mesmo dentro do Brasil. O vocabulário do sul é de certa forma diferente do nordeste. Eu, como sou filho de nordestinos e nasci no sul, sempre fui questionado por ambos os lados de onde sou.

De certa forma considerei me tornar imigrante por mais tempo, além de prorrogar o intercâmbio por mais seis meses, penso em mestrado ou doutorado. Mas agora que sinto que conheço Lisboa como a palma da minha mão, me encontro deitado na cama a olhar para o teto. Começo a sair vagando pelo corredor e não há ninguém, os armários da cozinha pertencem todos a mim. Levo comigo as ansiedades de estar longe de casa, e a pressão de concluir a faculdade bem. Nenhum dos meus entrevistados tem tido tempo de me responder, algumas ideias de texto acabaram por cair e minha cabeça me diz: "Você só tem mais seis meses, corre!".

Tento evitar ficar no quarto, senão me ponho a olhar novamente para o teto. Então venho até a lavanderia e coloco algumas roupas para lavar, passo no pátio e observo as janelas irregulares do prédio. Como não posso retornar ao Brasil, e depois voltar a Portugal para o segundo semestre, recebi autorização para estar na residência no verão pelo mesmo valor que pago desde que cheguei.





Então é melhor talvez deixar a minha morada um pouco e me distrair. Quem alimentava o Ruca deixou todos os petiscos dele comigo, então vez ou outra quando preciso sair, eu costumo deixar algo em seu potinho. Esse gato mal está nas redondezas ultimamente, vive indo e voltando da Faculdade de Arquitetura. Pelo que descobri por fofocas, ele tem uma namorada que mora por lá.

Desço novamente a calçada da Ajuda, e aguardo o elétrico em um dia ensolarado de causar insolação. O som da locomotiva, a madeira envelhecida, o carinho que tenho pelo 18E vem aí. Disso, eu realmente não me canso. Sento sempre ao segundo banco da esquerda quando entro, normalmente esse sempre está livre e não me pergunto o porquê. Quando o elétrico passa, as pessoas, principalmente as crianças, quando o veem fazem "piuí", e se o condutor for gente boa, ele devolve com o som do sino. Pego o caderno de estudos para a prova e começo a fazer marcações, até o momento em que notei que minhas anotações viraram desenhos da janela do elétrico.

Aquela saída que havia existido sem motivo começou a ter um. Eu poderia voltar a pintar e desenhar, algo que não ocorria desde o ensino médio quando perdi meu primeiro e único caderno de desenhos. Voltei para casa com um caderno de papel texturizado e uma caixa de pastéis de óleo. Naquela tarde pintei flores laranjas vibrantes que vi no caminho. E quando notei pintava meu café da manhã sobre a mesa, tomates na feira do mercado, um ponto de uma livraria, vasos de plantas nas janelas. Comecei a andar sem fones de ouvido nas ruas. Na realidade eu os perdi, inicialmente não foi tão romântico como disse. Mas a falta deles me fez muito bem. Aprendi a observar ao meu redor, muito mais do que simplesmente ir ou sair de um lugar que visitei.

Sinto que passei o restante do período fora de casa mais interessado por tudo de novo que vivia. O mais interessante é que não vivi a solidão do verão, pois o dia em que voltei a pintar, também foi o dia em que conheci minha namorada. A mulher mais incrível e linda desse mundo todinho. E a maior coincidência de tudo é que ela também é arquiteta, assim comecei a entender o Ruca. Todo meu caderno de desenhos foi preenchido, e guardei com ele bilhetes de apresentações, museus, e cartões de lojas e artistas que conheci. Quase como terapia.

Ah, e sobre a ansiedade da prova. Ela partiu quando me sentei na mesa de exames e notei que cinco questões das dez eram sobre colonização no Brasil. E bom, acho que se eu fosse mal, contestaria a prova com a minha certidão de nascimento e diria: "Querem saber mais sobre o Brasil do que eu que nasci lá?". Brincadeira, não sou tão barraqueiro assim.







LISBOA, MENINA E MOÇA





*Lisboa, menina e moça* é o título da música mais famosa do fadista Carlos do Carmo. É considerado o hino informal de Lisboa. Como a conheci? Na minha primeira semana em Lisboa desci até a região de Belém, e lá conheci o MAAT, o Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia de Lisboa. Descobri que a passagem entre ele e o Rio Tejo, que se estende até as Docas de Alcântara, se chama Passeio Carlos do Carmo. Curioso pelo meu xará, me apaixonei por suas músicas e pela homenagem à cidade. E fiz da minha forma, em fotografias, minha singela reverência.







LADEIRAS DA CALÇADA PORTUGUESA, LISBOA 2025.









O ELÉTRICO DESCE PELA CIDADE, LISBOA 2025.

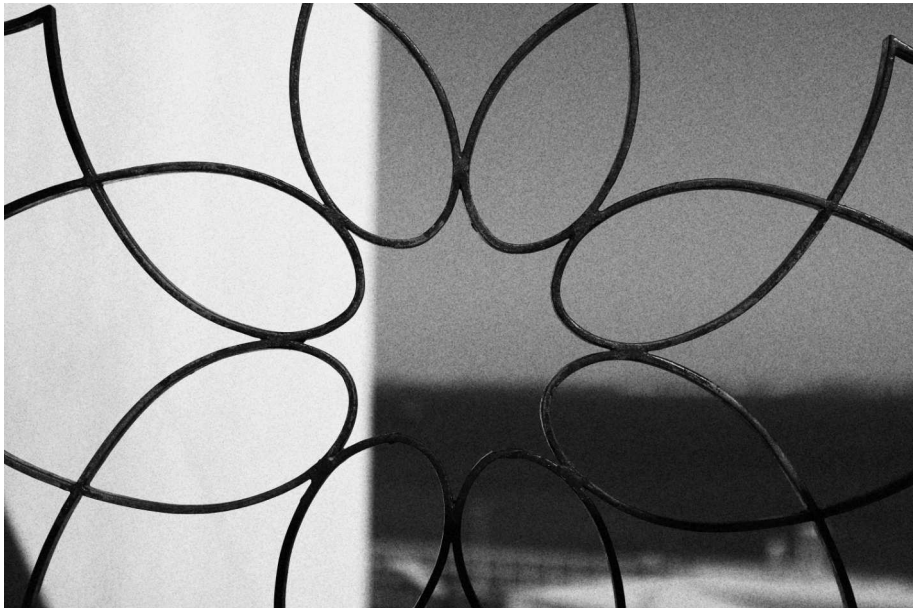




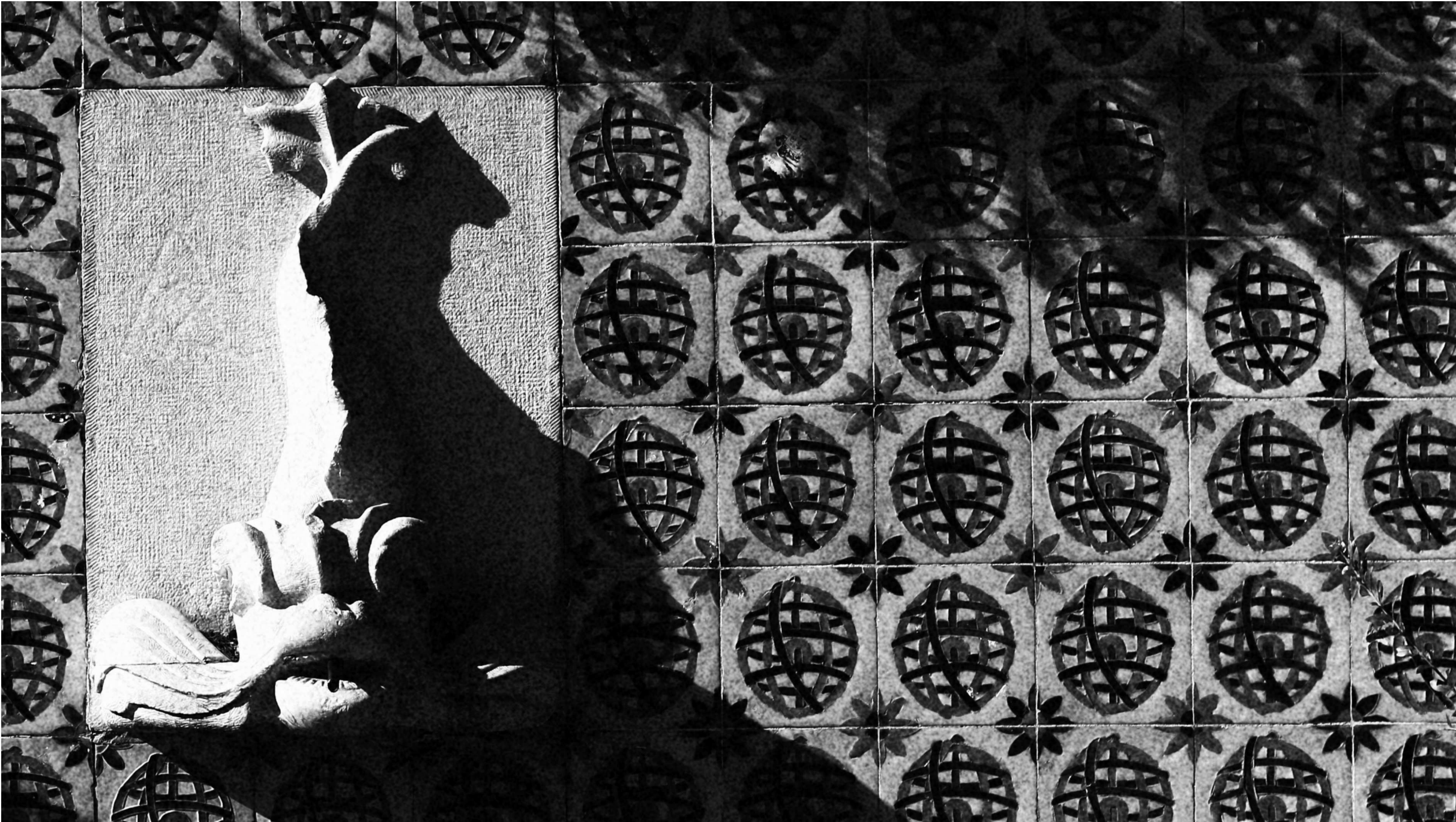












AZULEJOS DO MIRADOURO, LISBOA 2025.





DESCANSO NO MIRADOURO DE SANTO ESTEVÃO, LISBOA 2025.





CASARIO DE ALFAMA, LISBOA 2025.





IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO VICENTE DE FORA, LISBOA 2025.









UMA VISÃO DIFERENTE DO PANTEÃO, LISBOA 2025.





SEM ARRANHA-CÉU À VISTA, LISBOA 2025.





ANTIGO CONVENTO DE SÃO DOMINGOS, LISBOA 2025.





HERÓIS DO MAR, LISBOA 2025.











O FAMOSO ELÉTRICO 28E, LISBOA 2025.





LINHA 12, DESTINO L. CAMÕES, LISBOA 2025.





ELÉTRICO QUE CABE EM CASA, LISBOA 2025.



# Agradecimentos

Acredito que a forma mais justa de abrir os agradecimentos deste trabalho seja agradecendo àqueles que abriram suas portas, suas vidas e seus relatos para mim. Agradeço àqueles que confiaram detalhes únicos de suas trajetórias e confiaram que eu os retrataria com respeito. São muito mais do que histórias; tornaram-se parte de lembranças que jamais deixarei passar.

Meu agradecimento especial a Lucas Cunha, Isabel Barbosa, Emile Pereira e Márcia Leandra, bem como a seus familiares e até mesmo aos pets que me acolheram. Mesmo diante da rotina complexa que a vida de um imigrante frequentemente impõe e das inúmeras incertezas que a acompanham, sempre encontraram um momento em seus dias para responder perguntas, visitar memórias e marcar encontros que tornaram este trabalho possível.

Aos meus instrutores também deixo meu agradecimento. Em especial à professora e orientadora deste trabalho, Flávia Guidotti, que, mesmo tendo seu orientando a mais de oito mil quilômetros de distância, se dispôs a auxiliar, orientar e indicar novos caminhos. Ao longo de toda a nossa trajetória, fez com que eu compreendesse o fotojornalismo como algo muito maior do que uma fotografia: uma forma de expressão, memória e documentação social.

Seria impensável realizar este trabalho sem o carinho e a amizade de Catarina de Sousa. Jornalista portuguesa que, com passagem pela UFSC, me fez sentir interesse em ir para Portugal.

Uma saudação e agradecimentos aos meus colegas de caminhada durante o período de 2025 em Portugal, pela ULisboa/ISCSP/Ventura Terra: Alecsander Jordão, Beatriz Cavaleiro, Rodrigo Lopes, Bruna Marques, Henrique Marques, Afonso Barros, Ana Afonso, Lorena Hungria, Camila Barbosa e Sofia Sousa. Vossa presença trouxe cores a Lisboa para mim. Acolheram-me, ouviram-me e estiveram comigo durante todo o ano. Serão meus amigos até o fim.

No Brasil, um carinho saudoso a Lucas Peter Medeiros, Laura Canarin Miranda e Julia Magalhães, que revisaram ou leram textos produzidos por mim.

Por fim, acredito que sem vocês três isso seria impossível: meus pais, Francisco Sobral e Regiane Matos Sobral, que lutaram diariamente para me manter no país, sentiram saudades e jamais desistiram de mim; e minha amada Camila Zaías, que, em tempos nos quais eu facilmente pensei em desistir, esteve ao meu lado e cuidou de mim.



1ª edição, jun. 2026

Fonte: Baskerville

Tamanho: 18x23 cm

Edição digital: Affinity

*"Quando comecei a escrever  
este livro, pensei que  
descobriria onde pertenco. Ao  
final dele, percebi que não  
pertenco a apenas um lugar.  
Carrego um pouco de mim em  
cada lugar que amei."*

*Carlos Sobral, 2025.*





*Carlos Sobral é um autor e  
fotógrafo catarinense formado  
em Jornalismo pela  
Universidade Federal de  
Santa Catarina. Durante o  
período de um ano morou em  
Lisboa e realizou estudos no  
Instituto Superior de Ciências  
Sociais e Políticas da  
ULisboa. Este livro que traz  
relatos de imigrantes  
brasileiros no país lusitano é  
o produto deste período.*

